



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS -
PROFLETRAS



VERINALDA MARIA DE LIMA SILVA

**EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM MULTILETRAMENTOS:
VÍDEORRESENHAS LITERÁRIAS NO YOUTUBE POR ALUNOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Maceió
2024

VERINALDA MARIA DE LIMA SILVA

**EXPERIÊNCIA DIDÁTICA COM MULTILETRAMENTOS:
VÍDEORRESENHAS LITERÁRIAS NO YOUTUBE POR ALUNOS DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho final apresentado à Banca de defesa do Mestrado Profissional de Letras - PROFLETRAS, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes

Maceió
2024

Catálogo na fonte

Universidade Federal de Alagoas

Biblioteca Central

Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecária Responsável: Elisângela Vilela dos Santos – CRB-4 – 2056

S586e Silva, Verinalda Maria de Lima.
Experiência didática com multiletramentos: videorresenhas literárias no youtube por alunos do ensino fundamental / Verinalda Maria de Lima Silva. – 2024.
74 f.: il. color.

Orientador: Luiz Fernando Gomes.
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras) – Universidade Federal de Alagoas.
Faculdade de Letras. PROFLETRAS. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 62-64.
Anexos: f. 65-74.

1. Multimodalidade. 2. Multiletramentos. 3. Videorresenhas. 4. Leitura literária. 5. Letramento. I. Título.

CDU: 82 : 371.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
FACULDADE DE LETRAS - FALE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS –
PROFLETRAS



TERMO DE APROVAÇÃO

VERINALDA MARIA DE LIMA SILVA

Título do trabalho: Experiência didática com multiletramentos: vídeorresenhas literárias no Youtube por alunos do Ensino Fundamental.

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRA em Letras, área de concentração Linguagens e Letramentos, em 20 de março de 2024, pelo Mestrado Profissional em Letras da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Documento assinado digitalmente



LUIZ FERNANDO GOMES
Data: 03/04/2024 08:54:43-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes (PROFLETRAS/UFAL)

Examinadores:

Documento assinado digitalmente



DEBORA LIBERATO ARRUDA HISSA
Data: 26/03/2024 12:51:49-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Debora Liberato Arruda Hissa (PosLA- UECE)

Documento assinado digitalmente



SILVIO NUNES DA SILVA JUNIOR
Data: 26/03/2024 12:16:58-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Silvio Nunes da Silva Junior (PROFLETRAS/UPE- Garanhuns) (PROFLETRAS/UFAL)

Maceió, 20 de março de 2024.

Aos meus pais, Manoel Simão de Lima e Inalda Maria de Lima. Meu esposo, Joaquim Paulo e a minha filha, Maria Valentina.

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação representa a realização de um sonho que abrange aprender, ensinar, crescer, multiplicar e compartilhar. Ao longo das dimensões da minha vida pessoal e profissional, deparei-me com diversos desafios que poderiam ter impedido meu progresso. Contudo, persisti, deixando para trás lágrimas que, agora reconheço, foram fundamentais. Cada lágrima transformou-se em uma pedra única, contribuindo para o brilho e valor que vejo nesta conquista modesta, mas inestimável. Para o Divino, meu Soberano. Que toda a honra, louvor e glória sejam dedicados a Ele.

Agradeço a Deus por presentear-me com pessoas extraordinárias desde o meu nascimento, assim como por colocar em meu caminho indivíduos especiais que se tornaram parte integrante da minha jornada. A todos eles, expresso meu afetuoso e interminável agradecimento:

Aos meus pais, Manoel Simão de Lima e Inalda Maria de Lima, por me ensinarem o essencial da vida, pela excepcional dedicação, por tantas orações e pelo amor infinito.

Ao meu esposo, Joaquim Paulo e minha filha, Maria Valentina.

Ao meu estimado amigo David Severo, fonte constante de inspiração, cuja presença, mesmo à distância, se faz sentir de maneira próxima e significativa.

As minhas amigas, amigos e irmãs e irmãos do coração, Marta Severo, Kátia Leite, Marcia Nascimento, Arenato da Silva Santos, Alexandra, Jeane, Ana Paula, Rosangela e Fabiana pelos momentos tão leves de sorrisos e gargalhadas que me ajudaram a recuperar o fôlego para prosseguir.

Ao meu mentor acadêmico, professor Dr. Luiz Fernando Gomes, expresso gratidão por dividir sua sabedoria e expertise, incentivando-me para os próximos passos. Agradeço pelas significativas contribuições, prontidão, compreensão, paciência e motivação durante todas as fases difíceis para o desenvolvimento deste estudo.

Aos professores Gonzalo Abio e Débora Hissa que me honraram com sua presteza, observações e direcionamentos na banca de qualificação, contribuindo de forma relevante para esse trabalho. Ao professor Dr. Silvio Nunes da Silva Junior, por ter aceitado participar da banca e por suas preciosas considerações.

Aos meus queridos professores do Profletras, Adna Lopes, Aldir de Paula, Andréa Pereira, Fabiana Pincho, Helson Sobrinho, Lúgia Ferreira, Luiz Fernando Gomes e Maria Inês Silveira pelo incentivo, compromisso, competência, dedicação e ponderações que me fizeram crescer mostrando novos caminhos.

Aos meus companheiros mestrandos, Graça, Alice, Vânia e Mariana pela valiosa amizade e reflexões, pelo imenso apoio, pelos lanchinhos compartilhados, pelos momentos inesquecíveis de sorrisos, gargalhadas, abraços calorosos e palavras de ânimo que tornaram as minhas sextas-feiras tão doces e aprazíveis.

À gestora, Simone Patrícia, ao coordenador pedagógico, Arenato Santos e aos meus colegas professores pelo apoio e carinho.

Aos alunos do 7º ano que foram meus colaboradores nessa pesquisa fazendo parte dessa história de aprendizado e crescimento pessoal e profissional.

RESUMO

Esta dissertação desenvolveu-se a partir de uma pesquisa sobre como a dificuldade em se trabalhar a leitura literária em sala de aula e a falta de interesse dos alunos pela leitura de fruição, podem ser trabalhadas com o uso didático da internet e de canais de divulgação de resenhas literárias do *Youtube*. O objetivo principal do trabalho é entender como os canais de resenha e divulgação de livros pelo *YouTube*, os chamados *booktubes*, podem contribuir para o gosto e desenvolvimento do aluno leitor do 7º ano. As questões que norteiam esta pesquisa são: (1) Como a utilização das resenhas e divulgações literárias feitas pelos *booktubers* contribui para que os alunos do 7º ano desenvolvam algum tipo de autonomia na escolha de suas listas de livros e de autores? (2) Como a inserção de uma didática de ensino de Literatura utilizando os canais de resenha e divulgação de leitura do Youtube pode contribuir para aumentar o interesse pela leitura literária em alunos do 7º ano? Os principais referenciais teóricos estão centrados nos conceitos dos Multiletramentos GNL (1996), Mey (2017) Rojo (2009; 2012; 2013) referenciais sobre Letramento e Araújo (2001) sobre videorresenha, entre outros. A abordagem metodológica foi de cunho etnográfico qualitativo através da produção de videorresenhas literárias e de uma canal de *booktuber* criado pelos alunos, Foram utilizados os seguintes instrumentos para geração e coleta de dados: diário de pesquisadora; registros de gravação em áudio, fotografias e vídeos das aulas e entrevistas. Os resultados dessa pesquisa investigativa mostraram que a utilização didática de canais de divulgação de resenhas literária contribuiu para despertar o interesse nos alunos de 7º ano que participaram da pesquisa pela leitura literária e que os *booktubers* acabam incentivando a leitura de livros de maneira mais espontânea. Assistir a várias resenhas literárias favoreceu as escolhas individuais das obras a serem lidas e inspirou alguns alunos a criar seus canais de resenhas literárias. O uso moderado da tecnologia como recurso didático e a inserção da linguagem audiovisual na sala de aula auxiliaram na motivação e interesse dos alunos, conquanto as dificuldades de acesso de uso e de acesso aos recursos digitais tenham sido contornadas pela professora, como parte de sua proposta didática.

Palavras-chave: Videorresenhas; Booktube; Leitura literária; Multimodalidade; Letramentos.

ABSTRACT

This dissertation was developed from research on how the difficulty in working on literary reading in the classroom and the lack of interest among students in reading for enjoyment can be addressed through the didactic use of the internet and publicity channels of literary reviews on Youtube. The main objective of the work is to understand how book review and promotion channels on YouTube, known as booktubes, can contribute to the taste and development of 7th grade student readers. The questions that guide this research are: (1) How does the use of literary reviews and promotions made by booktubers help 7th year students develop some type of autonomy in choosing their lists of books and authors? (2) How can the insertion of Literature teaching using the YouTube reading review and sharing channels contribute to increasing interest in literary reading among 7th grade students? The main theoretical references are centered on the concepts of Multiletramentos GNL (1996), Mey (2017) Rojo (2009; 2012; 2013) references on Literacy and Araújo (2001) on video review, among others. The methodological approach was of a qualitative ethnographic nature through the production of literary video reviews and a booktuber channel created by the students. The following instruments were used to generate and collect data: researcher's diary; audio recordings, photographs and videos of classes and interviews. The results of this investigative research showed that the didactic use of channels for publishing literary reviews contributed to arousing interest in 7th grade students who participated in the research in literary reading and that booktubers end up encouraging the reading of books in a more spontaneous way. Watching several literary reviews encouraged individual choices of works to be read and inspired some students to create their own literary review channels. The moderate use of technology as a teaching resource and the inclusion of audiovisual language in the classroom helped to motivate and interest students, although difficulties in using and accessing digital resources were overcome by the teacher, as part of her didactics proposal.

Keywords: Video reviews; Booktube; Literary reading; Multimodality; Literacies.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Imagem retira do <i>Youtube</i> de canais de <i>booktube</i>	36
Figura 2 – Imagem do canal de <i>booktube</i> de Tatiana Feltrin	37
Figura 3 – Imagem do Google sobre <i>booktubers</i>	38
Figura 4 – Imagem do portão principal da escola.....	45
Figura 5 – Imagem da entrada Lateral.....	45
Figura 6 – Primeiro momento da SD.....	54
Figura 7 – Alunos acessando os canais do Youtube.....	54
Figura 8 – Alunos tendo primeiro contato com os <i>booktuber</i>	55
Figura 9 – Alunos com os <i>notebooks</i>	55
Figura 10 – Coleção Lygia Bojunga.....	56
Figura 11 – Alunas respondendo questionário.....	57
Figura 12 – Imagem de videorresenhas feitas pelos alunos.....	58

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

SINDPOL	Sindicato dos Policiais civis de Alagoas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
GNL	Grupo Nova Londres
SD	Sequência Didática
PPP	Projeto Político Pedagógico
CAIC	Centro de Atenção Integrada à Criança e ao Adolescente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – Compartilhando a minha caminhada	14
1 CONHECENDO O PERCURSO DA CAMINHADA	20
2 JUSTIFICATIVA	21
3 OBJETIVOS	27
3.1 Objetivo Geral	27
3.1 Objetivos Específicos	27
4 QUESTÕES DE PESQUISA	27
5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	28
5.1 Leitura.....	28
5.2 Letramento.....	30
5.3 Tecnologia e multimodalidade	33
5.4 BNCC e Multiletramentos.....	36
5.5 Canais digitais de divulgação de livros – <i>booktube</i>	37
5.6 Resenha e Videoresenha Literárias	40
5.7 Gênero Entrevista	41
6 METODOLOGIA	43
6.1 Abordagem da Pesquisa.....	44
6.2 O contexto da pesquisa	44
6.3 A escola	44
6.4 Perfil dos alunos participantes	48
6.5 Os procedimentos e instrumentos de geração de registro de dados	49
7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	53
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	63
ANEXOS	66
ANEXO I - Sequência didática: gênero entrevista e videoresenha	666

INTRODUÇÃO – Compartilhando a minha caminhada

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (2001, p. 53), que norteiam as práticas pedagógicas, no tópico sobre a prática de leitura, apresentam a seguinte definição:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc.

Logo, a leitura é uma atividade que implica, obrigatoriamente, a compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes desta propriamente dita.

Aprender fazendo, ou aprender em serviço nos permite uma revisão das práticas pedagógicas, possibilitando mudanças necessárias como também mudanças sociais e filosóficas as quais visem garantir um ensino de equidade. Gama e Tarrazan (2018) falam sobre essa formação centrada nos espaços institucionais. Esses autores refletem sobre a fluidez das transformações desses ambientes e como essa flexibilização precisa estar em consonância com as demandas sociais emergentes.

A partir do meu ingresso no Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS da FALE-Faculdade de Letras da UFAL - campus Maceió, em consonância com as reflexões acima citadas, foram surgindo novos estudos unindo-se em um único objetivo: renovar a minha visão de professora e buscar dentro do ateliê da universidade, entre linhas e agulhas, novos letramentos, novas teorias e novas práticas.

Durante o mestrado, identifiquei, por meio de um apanhado teórico articulado com práticas de planejamento e aplicação de atividades numa sala de aula de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental, possibilidades de incluir o ensino de Literatura de forma mais dinâmica e perceptível ao aluno por intermédio de situações que se desenvolvam na e pela interação da Literatura e da língua materna, tendo como base os conceitos de multiletramentos, e como essas práticas poderiam ser agregadas a recursos didáticos como o *booktube*¹.

A priori, a minha percepção era de que apenas um recurso daria conta dessa ociosidade literária tão relatada pelo senso comum sobre os jovens. Após algumas pesquisas e algumas

¹ O termo *booktube* é uma junção da palavra livro book (inglês) com tube da plataforma Youtube e se apresenta como canais literários em forma de comunidade criada por pessoas que gostam de ler e que possuem interesses análogos. Os usuários que possuem esses canais são chamados de *booktubers*. (Booktube: um gênero discursivo advindo das tecnologias. Disponível <http://www.revistaentrepalavras.ufc.br> acesso em: 15 out. 2023.

leituras, percebi que as situações de leitura na e pela internet exigem muito mais do que as tecnologias digitais pregam e que essas práticas só seriam efetivas a partir da contextualização de leitura de textos literários que pudessem se desenvolver num contexto de articulação entre leitura, Literatura e intencionalidade literária e o recurso didático. Falo em *booktube*, pois, de certa forma, evidencia-se a praticidade de acesso a diversos textos literários e suas resenhas feitas por jovens que comungam da mesma linguagem e das mesmas necessidades de leitura. Eis aí a primeira (des) ou (re)construção de sentido da docência que o mestrado me trouxe em relação à prática de leitura em sala de aula.

Nesse sentido, procurei pensar em como todas as vozes que circundam o ambiente escolar propiciariam os processos de ensino e de aprendizagem por meio da leitura literária e em quais aspectos essas leituras, em sua maioria desconhecidas pelos alunos, proporcionariam aprendizados a esses sujeitos. Pois, de forma geral, os alunos não têm muito contato com textos literários.

Nessa perspectiva, busquei, por intermédio desta pesquisa, unir os textos literários a realidades pontuais dos alunos, a fim de estimular uma leitura que parta do ambiente da sala de aula e que reflita na vida dos meus alunos para que eles possam exercer o seu papel de transformação social individual e coletiva.

Nasci no município de Palmares, Pernambuco. Passei a minha infância entre a zona rural, na usina Taquara; lá era um lugar muito bom para se viver, embora a distância não permitisse que olhássemos a vida por um outro ângulo. O pouco que me lembro desse momento é de uma infância tranquila; as primeiras letras embalavam a minha mente e as primeiras leituras começaram a ser um espaço de liberdade para mim; a escola era o local de encontro mais esperado, pois tínhamos o ônibus escolar. Sair um pouco do ambiente da usina me dava esperança. Esperança de quê? Não sei dizer ao certo, mas asseguro que era o local do riso solto e das conversas alegres. Após esse período, já na 6ª série, saí das aulas da Usina Taquara e passei a estudar na zona urbana, em Colônia Leopoldina. Nesse período, várias coisas aconteceram, por exemplo, o meu amor pela matemática. Isso mesmo! Essa era a disciplina de que eu mais gostava! Somente aos 14 anos, vivi o desafio de me mudar para Maceió, por escolha do meu pai. Ele viu nessa cidade a oportunidade de se fixar financeiramente e de buscar mais oportunidades.

Ainda no Ensino Fundamental, já em Maceió, ganhei do meu marido, que à época era o meu namorado, no ano de 1994, uma coleção de romances encontrado em um ônibus. Os livros

faziam parte de uma coleção de clássicos da Literatura brasileira. Lembro-me de que a coleção era composta por uma faixa de dez livros com autores renomados, entre eles, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo e Machado de Assis. A leitura ainda era muito incipiente para mim, mas esses romances me trouxeram alegria e acalento. Não sei explicar o motivo, mas ainda os guardo como uma relíquia da minha adolescência. As obras que mais me chamaram atenção foram *Iracema* e *A Moreninha*. O livro que compunha os contos de Machado de Assis eu lia, mas não tinha a sagacidade da leitura dos romances românticos que estavam ali. Já na faculdade, encontrei-me novamente com esses escritores e as leituras de deleite passaram a ter um significado diferente; a compreensão de Romance como escola literária e gênero literário foi abrindo espaço para diálogos sociais com essas obras, o que posteriormente se tornou discussões em minhas aulas de Literatura.

Até aquele momento não imaginaria as transformações sociais e pessoais que a leitura traria para a minha vida. Como foi dito anteriormente, essa leitura foi realizada de forma despreziosa, ou seja, satisfação apenas, com fins romanescos, pois era assim que me considerava: romântica e idealizadora de finais felizes, de ilustrações campestres, figuras com casais, frases românticas – meu interesse realmente era esse. Hoje, reconheço que os romances (como gênero literário, narrativo, em prosa), além de contarem uma história, tematizam assuntos variados como política, crítica de costumes, história, dentre outros. Não que esse seja o sentido das obras literárias, pois compreendo que elas buscam em seu cerne trabalhar as construções poéticas para, assim, construir conceitos e críticas sociais, desveladas no panorama da leitura.

Retornando à minha caminhada, embora não tenha tantas lembranças da época escolar, algumas me foram mais marcantes durante o período que estudei em Maceió. Alguns aspectos que naquela época não traziam tanta reflexão para mim, por ser apenas aluna, fazem-me lembrar do ensino de Língua com as atividades de produção escrita de textos com temas isolados, descontextualizados e sem nenhuma discussão.

Outra lembrança acerca da leitura que trago em minhas memórias são as leituras do mundo escolar. Eu me recordo bem de que o acesso à leitura literária se dava por meio dos livros didáticos, em atividades nas quais o professor dividia o texto em parágrafos para que pudessemos ler e resolver as questões de gramática normativa da língua, como localizar verbos ou substantivos, por exemplo. Às vezes, quando a leitura era de um texto narrativo (crônica, conto ou fragmento de romances), havia atividade de compreensão textual, limitada a identificar

o narrador, as personagens, ou outros elementos estruturais da narrativa, desvinculando o ensino da Literatura do seu objetivo maior de reflexão e/ou compreensão da realidade, favorecendo análises políticas e sociais das culturas de povos e sua diversidade linguística, além da sensibilidade artística.

Ao chegar ao Ensino Médio, no início dos anos 2000, na escola estadual Margarez Lacet, as aulas de Literatura eram ministradas por um professor específico. A escola em questão está localizada no bairro periférico de Maceió, no Tabuleiro. Compõe o quadro das escolas de Ensino Médio do estado de Alagoas. Foi lá que tive contato com as primeiras manifestações da Literatura como escola literária, da forma como eram classificadas ao longo da história, oportunidade em que consegui conhecer alguns autores, como: Gregório de Matos, Gonçalves de Dias, Casimiro de Abreu, José de Alencar, entre outros.

É interessante ressaltar que, nesse momento, comecei a desvincular Literatura de romance e amor e comecei a ver a importância da Literatura como crítica e liberdade social, estética, catarse e ludicidade. Dentre todos os autores apresentados a mim, um se destacava: Gregório de Matos – O boca do inferno. Este autor, era, para mim, a subversão, o sim e o não; seus sonetos sempre iriam falar sobre algo. A novidade que a Literatura me trazia era esse estranhamento da Literatura como crítica social. No entanto, o estudo era muito resumido, porque o foco pedagógico, naquele momento, eram as biografias dos autores e as características literárias das obras sem aprofundar a leitura integral dos livros. No máximo, líamos fragmentos de poemas e narrativas, mas a imersão, bem como a viagem vivenciada pelo universo ficcional ficavam comprometidas. Essa prática de tangenciar a leitura completa de um texto literário se dava no formato de avaliações e de preparação para o vestibular que caracterizavam o início dos anos 2000, época em que eu estudava o ensino médio.

Nessa ocasião, no Ensino Médio, tudo foi ficando mais intenso, e minha paixão pelas letras, pela Literatura se fortaleceu e aquela vontade de menina de ser professora veio à tona ainda mais forte. Cada leitura, ainda que fragmentada, trazia para mim a confirmação que eu esperava. Lembro-me do meu encontro no terceiro ano com a obra *Dom Quixote*, que até hoje é tema das minhas aulas de Literatura no sexto e sétimo anos do Ensino Fundamental. Chegou, enfim, o momento mais esperado, o vestibular.

Naquele período, o vestibular da UFAL era dividido nos três anos do Ensino Médio, os chamados PSS (Processo Seletivo Seriado); então, tínhamos de conhecer várias obras que eram divididas para cada PSS. Na ânsia de dar conta da lista do vestibular, o professor acabava por

gastar mais tempo explicando sobre as escolas literárias, seus autores e suas obras, além de fazer resumos dos livros do que se debruçar sobre as temáticas das obras. Assim, tínhamos de memorizar as informações, se quiséssemos nos dar bem na prova.

Ao concluir o Ensino Médio, pensei em fazer um pré-vestibular para ingressar na faculdade e, nesse momento, consegui conhecer algumas obras de outros autores como: Machado de Assis (*Dom Casmurro*), Graciliano Ramos (*Vidas Secas*), tudo muito resumido. Embora o professor de Literatura nos incentivasse a comprar a obra para fazer a leitura na íntegra, a dificuldade financeira me fez deixar esse assunto para depois.

Este breve percurso que faço como aluna da Educação Básica serve para mostrar a dificuldade que tive para formar o hábito de leitura literária na escola, seja pela falta de acesso aos livros, seja pela prática de escolarização da leitura literária. No primeiro caso, cumpre esclarecer que o acesso aos livros de Literatura era muito escasso, porque não havia na escola, por um lado, uma biblioteca equipada com diversidade de livros e nem tínhamos autorização para levar algum livro para casa. Não tenho memória de haver uma bibliotecária na escola. Por outro lado, a ausência da escolarização da leitura literária se deve ao modelo de exposição de conteúdos que eram repassados pelos livros didáticos, conforme descrevi anteriormente. Além disso, a boa intenção do professor em preparar seus alunos para o vestibular reduzia as possibilidades de se ter um contato demorado com o texto literário em sua completude.

Outro desafio, corolário aos outros apontados anteriormente, era o interesse pessoal em ler alguns clássicos. O fato é que passamos anos na escola sem a oportunidade de conhecer e nem de ler autores contemporâneos, os quais nos trazem temas mais próximos de nossa realidade objetiva. Assim, ao ingressar na universidade, em 2005, eu tive a impressão de que sairia dali formada em todos os sentidos, com uma vastidão de obras lidas e, também, como se fosse uma “Gramática ambulante”. Ledo engano! Sim, a faculdade modificou o meu olhar e a minha cabeça. Foi lá que realmente tive contato com a leitura integral de obras, sejam em verso, sejam em prosa. Mas, aquela sensação de que na faculdade tudo seria resolvido cada vez mais me angustiava; era como se houvesse uma lacuna em minha formação. Eu sentia a ausência de disciplinas que me ajudassem a desenvolver estratégias didáticas de como levar a leitura literária para a Educação Básica. Na verdade, eu queria um manual; mal sabia eu que a ideia de manual é absurda e que esse manual seria construído por mim, com a minha própria prática.

Com o passar dos anos, eu reconhecia que o que eu estava estudando me colocava em um lugar de privilégio e que eram as disciplinas específicas de Literatura Brasileira e

Portuguesa, juntamente às disciplinas de Teoria da Literatura, que a cada semestre me davam subsídios para analisar com mais propriedade a linguagem literária.

Embora na Graduação eu tivesse outras reflexões, que trago para minha pesquisa como sendo uma problemática, eu não havia despertado ainda para questões tão complexas que envolviam o ato de estudar, ensinar e ler Literatura. Creio que a falta de base fosse o principal motivo para essas lacunas da minha vida profissional, pois, no período de 2005 a 2008, período no qual fui graduanda de Letras, não me recordo de nenhuma disciplina específica que discutisse o ensino de Literatura na escola, bem como a sua importância para a constituição do sujeito leitor e produtor de seus próprios textos, o que me fez caminhar em busca de cursos de formações continuadas os quais pudessem preencher essa lacuna e retirassem de mim esse papel de professora sempre em busca de formação.

Nessa busca contínua por formação, ingressei em uma pós-graduação *lato sensu* na Universidade Federal de Alagoas, no ano de 2014, na área de gênero e diversidade. A partir dessa especialização, outras inquietações vieram e voltei a refletir sobre o meu papel em sala de aula. Era tudo novo e muitos conceitos para adquirir, mas, com muito esforço, consegui concluir. Como já tinha estabilidade, foquei em fazer o mestrado em Linguística aqui mesmo na UFAL. Tentei por duas vezes, mas não obtive êxito; ainda assim, fiz três disciplinas especiais como aluna na área de Linguística Aplicada. Nessas disciplinas, consegui ampliar minha base teórica, com os conceitos de Bakhtin, Moita Lopes, Rajagopalan, Bauman.

Todavia, o discurso frequente e exacerbado que ouvia entre meus colegas professores se transformava em fortes razões para lutar ainda mais por um ensino digno, justo e que promovesse a equidade por intermédio da leitura e da escrita. Lembro-me das vezes que fui questionada por colegas que achavam que tudo isso era bobagem. Reconheço que, como professores, temos muitos motivos para ver a Educação Pública como um local de descaso e de desprestígio, e, realmente, esses comentários são muitos e excessivamente batidos. Além do mais, isso, de certa forma, traz-nos um desânimo e nos deixa à mercê do governo.

Entretanto, minha trajetória ensinou-me que educação é luta e que somente na luta era possível enfrentar esses desafios, e que esses desafios não se resolvem com apenas uma atitude; seria necessário para isso, um conjunto de tarefas que envolviam várias instâncias. Nesse sentido, a minha tarefa era a de buscar mudanças concretas na minha vida profissional e a de trazer novidades para a vida escolar dos meus alunos. E isso só seria possível a partir do meu ingresso na Academia e na possibilidade de novas leituras e estudos.

1 CONHECENDO O PERCURSO DA CAMINHADA

Meu ingresso como professora no município de Pilar - AL se deu de forma repentina e ao mesmo tempo grandiosa. Fiz esse concurso no ano de 2010, sendo nomeada em 2011; fiquei em terceiro lugar em um concurso que contemplava apenas uma vaga. Lembro-me da ansiedade em concorrer com 199 pessoas para uma vaga. Enfim, quando o dia da minha nomeação chegou, para mim, foi um momento de muita glória, pois era o meu primeiro concurso. Já faz 12 anos que ingressei na instituição e sempre ouço comentários depreciativos em relação à escola pública. Isso, muitas vezes, deixou-me inquieta, mas me sentia impossibilitada para desenvolver qualquer mudança. As poucas mudanças que eu tentava estavam ligadas às ações do próprio calendário escolar.

Continuo atenta a cada momento, desde a aprovação até agora, e de posse dessa visão, cada desejo de transformação dentro de mim, a partir das primeiras leituras e das primeiras disciplinas do mestrado. Surge, aqui, nesse momento, a professora Verinalda, atuando como professora da Rede Pública de ensino do município de Pilar-AL.

Reconheço que não é fácil levar a leitura literária para os estudantes, como também não é fácil instituir um universo literário com alunos tecnologicamente conectados; no entanto, afirmo que também não é impossível. Como professora da 7ª série do Ensino Fundamental de uma escola municipal situada na cidade de Pilar-Alagoas, destaco que a distância dos alunos com a leitura ainda persiste em tomar conta das salas de aulas.

Registro que, ao chegar a essa escola, no início do ano letivo (2011), ela apresentava uma impressão negativa perante a comunidade; isso porque ela possuía turmas para adolescentes oriundos de muitas reprovações. A escola era conhecida como EJA, mas, tratava-se de adolescentes e trazia um temor aos professores e à comunidade. Além dos problemas escolares, a escola tinha vários problemas com drogas e indisciplina. Era comum chegarmos à escola e encontrar alguma turma em luto devido ao uso de drogas etc. Essa situação também refletia o próprio município que, em 2011, segundo o SINDPOL (Sindicato dos Policiais Cíveis de Alagoas, Mapa da Violência 2012)² ficou entre as cidades mais violentas do Brasil.

A partir dessa minha caminhada, ao ingressar no mestrado profissional, senti-me na “obrigação” de devolver à minha casa uma experiência em educação voltada para os problemas

² Estudo mostra o aumento da Violência em Cidades do Interior de Alagoas. SINDPOL, 2011. Disponível em: Sindpol Alagoas | Estudo mostra aumento da violência em cidades do interior de Alagoas. Acesso em: 10 set. 2023.

locais, problemas que eu conheço e sei que precisam de um olhar mais atento para investigação. Proponho a salvação? Não. Sei que os problemas que enfrento na minha instituição fazem parte de problemas globais, ou seja, são problemas recorrentes e que ocorrem na maioria das escolas públicas de todo o Brasil. Todavia, trazer para o meu ambiente de sala de aula uma reflexão e uma possibilidade de interação a partir dos multiletramentos, da intertextualidade e da experiência do *booktuber*, foi para mim um grande desafio e de grande valia para próximos estudos.

2 JUSTIFICATIVA

Diante do que foi exposto, das leituras realizadas no PROFLETRAS, das discussões em sala de aula, e de todo o contexto que envolve este estudo, a presente pesquisa apresenta uma problemática que não é uma novidade para o universo escolar, mas que é essencial para a (re) alocação do papel da leitura literária na contemporaneidade dentro e fora da sala de aula de Língua Portuguesa.

Vale ressaltar que a leitura literária é trabalhada em algumas escolas de forma esporádica, apenas como subsídio para atividades com trechos isolados de determinadas obras, sem levar em consideração quem é aquele autor, quais suas motivações para aquela produção, quanto daquele gênero literário pode ser considerado ficcional e quanto é representação da realidade, ou seja, apenas como pretexto para estudos linguísticos de sintaxe e de morfologia, afastando-se do que é defendido e comprovado por diversos teóricos e recomendado pelos documentos oficiais.

O presente trabalho de pesquisa e de busca de novos caminhos se justifica diante da dificuldade em se trabalhar a leitura literária em sala de aula e da falta de interesse dos alunos em ter um gosto pela leitura de fruição. Por exemplo, vejo-me, muitas vezes, fazendo malabarismos pedagógicos para disseminar um gosto pela leitura, para divulgar livros de interesses dos alunos, mas parece que é um esforço em vão. Isso se dá por eu não ter uma ideia clara sobre os seus interesses e suas expectativas diante de algo que eu chamava leitura; na verdade, desconsiderava o fato de que, para os meus alunos, essa leitura tradicional não era um atrativo, mas que eles mesmos liam, e que suas leituras atravessavam sentidos semelhantes aos meus em uma perspectiva diferente. A partir dessa percepção, comecei a buscar as respostas e os interesses dos meus alunos, seguindo as suas indicações de leitura. Criei uma caixa literária,

a partir da leitura do mito da Caixa de Pandora³; nessa caixa, colocaríamos todas as leituras aleatórias da semana, e essas leituras seriam para mim um guia de gostos, gêneros, livros e outros textos que circularam por eles naquela semana.

Outro dado que eu desconsiderava era a falta do interesse pela escola. Uma pesquisa de 2019 do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)⁴ mostra que a principal causa da desistência escolar é o fator renda e que a maioria do atraso e da desistência escolar se dão nas idades de 15 anos e 17 anos. Segundo o IBGE, esses alunos desistem dos estudos antes mesmo de completarem o ensino médio. Esse dado do IBGE foi de suma importância para que eu desenvolvesse o primeiro contato com os meus alunos para a discussão desta pesquisa.

Com as revisões da literatura sobre o tema que fiz, passei a entender melhor a relevância dos textos literários para o ensino de Língua Portuguesa. Além disso, esses textos circulam em vários capítulos de livros didáticos, mas é possível observar que as questões são mais de compreensão de texto ou linguística do que sobre o próprio texto e sua composição.

Chiampinni (2005, p. 43) afirma que a questão do ensino da Literatura ou da compreensão literária envolve um exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Acerca dessa questão, a autora denuncia a gravidade no que se refere ao ensino do texto literário, ao afirmar que:

No caso do trabalho com o texto literário, a situação parece ser mais gritante. Ainda que esse tipo de texto apresente características distintas, podemos afirmar que, de modo geral, o tipo de questão apresentada acima é a mesma utilizada para se trabalhar com os textos da Literatura. Não há distinção entre um e outro tipo de texto. Ainda que alguns autores anunciem as suas especificidades, tal como Soares, os objetivos de leitura e estudo de um texto literário são específicos a este tipo de texto, deve privilegiar aqueles conhecimentos, habilidades e atitudes necessários à formação de um bom leitor de Literatura: a análise do gênero do texto, dos recursos de expressão e de recriação da realidade, das figuras autor-narrador, personagem, ponto de vista (no caso da narrativa), a interpretação de analogias, comparações, metáforas, identificação de recursos estilísticos, poéticos, enfim o estudo daquilo que é textual e daquilo que é literário (2005, p. 43).

³ A Caixa de Pandora é um objeto extraordinário que faz parte da mitologia grega. Trata-se de um caixa em que os deuses colocaram todas as desgraças do mundo, entre as quais a guerra, a discórdia, as doenças do corpo e da alma. Contudo, nela havia um único dom: a esperança.

⁴ PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. Disponível em : PNAD Educação 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio | Agência de Notícias (ibge.gov.br) Acesso em: 15 set. 2023.

De acordo com Chiampinni (2005), o texto literário deve ser usado para o estudo do que se refere aos elementos literários, ou seja, não se deve reduzir o gênero a apenas elementos linguísticos como muitos manuais e livros didáticos apresentam questões gramaticais, dizendo serem contextualizadas. Não trazem a exploração literária do texto, como a autora fala, não trazem “a análise do gênero do texto, dos recursos de expressão e de recriação da realidade, das figuras autor-narrador, personagem, ponto de vista (no caso da narrativa), a interpretação de analogias, comparações, metáforas, identificação de recursos estilísticos, poéticos, enfim o estudo daquilo que é textual e daquilo que é literário” (p.43).

Segundo Silva (2019), os chamados *youtubers* vêm exercendo extrema influência sobre jovens e adolescentes, transformando-se em celebridades facilmente reconhecidas pela maioria dos alunos. Percebi, assim, que era preciso fazer algo e construir aulas mais engajadas que refletissem minhas ideias e convergissem para ações de multiletramentos, a partir de uma problematização das questões sociais e locais dos alunos, de maneira que os envolvessem de forma mais efetiva. Nesse aspecto, um levantamento conduzido pelo *Google Brasil*, em 2015, mostrou que 40% do tempo assistido pelo brasileiro são via internet, e que o *Youtube* é visto como substituto da televisão por 72% das pessoas entrevistadas. Com o crescimento das mídias tecnológicas e engajamentos das redes sejam elas sociais ou não, se faz necessário utilizar toda ferramenta que possa despertar a curiosidade e o interesse pela leitura, aguçando os sentidos para o prazer do ler. Surge, desse modo, a necessidade de trazer o *booktuber* (um termo novo que designa os *youtubers* que trabalham diretamente com a leitura e análise de livros) como uma experiência literária de engajamento a partir de ações de multiletramentos e globais, com impacto nas tecnologias e na transformação do ambiente.

Dentro desse contexto de compreensão que gera letramento, Rojo (2010) afirma que a formação de um aluno letrado, e de um cidadão consciente e capaz de circular em uma sociedade globalizada, implica capacitá-lo a escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação a outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação a ela (p. 1-2).

Rojo (2010) divide então, essas habilidades em três grupos de capacidades : “capacidades de decodificação”, “capacidades de compreensão” e “capacidades de apreciação e réplica do leitor em relação ao texto”, cada uma com características específicas, as quais, segundo a autora, são divididas e estudadas concomitantemente.

Com o intuito de construir uma prática de sala de aula diferenciada para os meus alunos com base na intervenção pedagógica, foi que propus este estudo. Nesse sentido, há a busca por desenvolver nos alunos as capacidades de leitura e os modos de olhar o texto, com base em consonâncias e perspectivas teóricas de autores da linguagem já fundamentadas, como sendo um pressuposto ao ensino, com o fim de desenvolver estratégias de ensino utilizando canais de *booktubers* como apoio. Algumas das estratégias podem ser:

- a) Incentivar o aluno a assistir os canais interagindo com os seus desenvolvedores;
- b) A aproximação da leitura com uma linguagem mais próxima dos jovens;
- c) Cativar o público;
- d) Ampliar a rede de conhecimentos;
- e) Fazer parte de uma comunidade leitora ávida.

Isso posto, decidi fazer um levantamento na turma escolhida para a pesquisa, a fim de buscar uma possível intenção em desenvolver nos alunos as capacidades de ler, de compreender e de interpretar textos literários, a fim de possibilitar o letramento literário, visando à formação de alunos mais bem preparados para uma leitura literária autônoma e, principalmente, que sintam prazer ao fazer isso. Para isso, recorri a uma modalidade oral de roda de conversa, na qual foi possível conhecer um pouco dessa trajetória dos meus alunos.

Na socialização da roda de conversa, quando perguntados sobre suas preferências literárias, alguns alunos responderam, espontaneamente, que gostavam de leituras de ação (Harry Potter), trilogia (*Crepúsculo*) e livros de filmes (*Contador de histórias; A menina que roubava livros*). Outra parte justificou seu interesse pela leitura de textos mais habituais como *posts* de Instagram (*Piadas e fofocas*), definições de coisas, quadrinhos (Turma da Mônica e Super Heróis), entre outros.

Essas duas ações: a caixa literária e a roda de conversa fizeram-me perceber que eu estava fazendo um caminho inverso e que poderia perder bons e atuantes leitores. Foi, assim, a partir dessa roda de conversa, que pensei em trazer o *booktube* para minha sala de aula, como uma forma de levar ao universo do aluno um encantamento pela leitura, que é cada vez mais indispensável, uma vez que, na atualidade, os jovens buscam atrativos mais fáceis e aparentemente mais divertidos do que a leitura de fruição.

Mecanismos, tais como jogos *online*, redes sociais e narrativas como séries e sagas, conseqüentemente, tornam-se concorrentes dos livros, os quais tendem a dividir espaços com meios audiovisuais, verbais e interativos, e “os jovens parecem não ter tempo nem

concentração para a leitura de livros impressos” (Cosson, 2014, p. 12). Por isso, pensar e repensar a utilização de *booktube*, leitura *online* e resenhas literárias escritas passa a ter uma coerência nas escolhas de temas de leitura em sala de aula.

Segundo a pesquisa *Retratos da leitura*, os brasileiros entrevistados, leitores e não leitores, quando questionados sobre atividades que gostam de fazer no tempo livre, citaram a televisão em primeiro lugar, seguida da internet e demais atividades em celulares e computador; somente 24% das citações foram sobre leitura em livros e outros materiais (Failla, 2016, p. 37). A pesquisa de mídias do Brasil realizada em 2022 pelo GMSP (Grupo de Mídia de São Paulo), feita no período da pandemia, corrobora essas informações, ao revelar que:

1 - Instalada a pandemia e as medidas de afastamento social determinadas pelas autoridades, a informação tornou-se urgente, além de importante, e o consumo de mídia cresceu de forma notável, à exceção do meio Cinema, por motivos mais do que justificados.

2 - O registro da perda de participação de audiência das emissoras abertas em relação ao grupo ‘Outros’, que inclui TV por Assinatura e *Streaming*, entre outros e a distribuição com redes de varejo, como a Casas Bahia, oferecendo um período de acesso ao sinal mediante compras na empresa. Certamente ele será ainda mais importante no futuro próximo.

3 - As *lives* foram um acontecimento à parte, principalmente nos primeiros meses das restrições sociais e ajudaram na mobilização por doações e recomendações de saúde, muito valiosas naqueles momentos iniciais da pandemia.

4 - O mesmo vale para os influenciadores. Muitos deles tornaram-se canais importantes de comunicação com a população, sendo igualmente relevantes para a difusão de marcas e produtos e ideias.

A pesquisa ainda aponta que, em 2021, o número de aparelhos celulares cresceu 9%; houve um crescimento de destaque para o uso de *Tiktok* e *Twiter*; o consumo de vídeos teve uma alta de 95%; aconteceu uma queda de mais de 50% no interesse em *blogs* e uma alta relativa no crescimento de influenciadores digitais acima de 50 mil seguidores. Com todas essas demandas da pesquisa de mídia do Brasil, não é difícil constatar o abandono da leitura pela escolha da internet nas horas vagas, ainda mais se levarmos em conta a idade dos alunos em questão. O fator condicionante nesta pesquisa, nesse aspecto, não é a troca do livro pela internet, mas como esta poderia aliar-se pedagogicamente para a descoberta de outras trajetórias para o ensino e aprendizagem de leitura literária.

Por isso, faz-se necessário pensar uma nova abordagem da Literatura na sala de aula. Essa abordagem implica unir o que o aluno já tem e usar aquilo que é almejado e discutido por professores e pesquisadores. Repensando esse contexto, a utilização de *booktuber* seria um artefato motivacional para discutir as práticas de leitura, de estética de textos e de fruição literária com alunos de qualquer idade, e serviria para entender como esse aluno poderia adquirir um gosto pela leitura dentro e fora da sala de aula.

No entanto, vale destacar que, quando se fala em escola, a Literatura continua cada vez mais discreta, fundamentada mais pelos documentos do que pelas práticas em sala de aula, ainda mais se essa leitura se coaduna com redes sociais e tecnologia.

Destaca-se, nesse intento, que a BNCC (Base Nacional Comum Curricular), documento mais recente, sugere a educação literária como eixo específico, apesar de manter relação estreita com o eixo Leitura, destacando a formação de um leitor capaz de aprender a apreciar a Literatura como arte, fricção e estética. No que se refere ao potencial digital para o ensino literário, a BNCC apresenta diferentes sugestões de exploração das obras ficcionais:

Depois de ler um livro de Literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir playlists, vlogs, vídeos- minuto, escrever fanfics, produzir e-zines, nos tornar um *booktuber*, dentre outras muitas possibilidades (BNCC, Linguagens, Língua Portuguesa, Ensino Fundamental, p. 68).

Entretanto, ainda que exista uma exaustiva gama de pesquisas defendidas por professores e pesquisadores sobre a relevância dos estudos literários, e embora os documentos oficiais acusem a necessidade de leitura de textos literários e uma abordagem para o potencial digital de práticas com esses textos, é perceptível uma marginalização na prática de leitura literária dentro da sala de aula.

Sendo assim, de posse das informações da roda de conversa e da caixa de leitura, foi que a pretensão da elaboração de uma proposta de um plano de ensino de leitura literária a partir de multiletramentos surgiu. Eu vi nela a oportunidade de trabalhar as questões locais, abrindo espaço para ouvir as falas dos alunos, desvendando questões locais relevantes.

Esse plano de ensino poderia ser uma trajetória para que os alunos fossem capazes de compreender a Literatura como expressão de ideias, para que leiam sem o comprometimento de fazer um estudo linguístico voltado a aspectos gramaticais ou estruturais de determinado gênero e consigam, com atividades que explorem de forma clara e eficaz os multiletramentos, a

multimodalidade e as novas tecnologias, percebendo-se como parte ativa e essencial no processo de aprendizagem, podendo sentir a escola dentro de seu contexto e não como algo alheio ao seu mundo.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo Geral

- Entender como os canais de resenha e divulgação de livros pelo YouTube, os chamados Booktube, podem contribuir para o gosto e desenvolvimento do aluno leitor.

3.2 Objetivos Específicos

- Verificar como a inserção de uma didática de ensino de Literatura utilizando os canais de resenha e divulgação de leitura do *Youtube* contribui para aumentar o interesse pela leitura literária em alunos do 7º ano;
- Verificar se a utilização das resenhas e divulgações literárias feitas pelos *booktubers* podem contribuir para que os alunos do 7º ano desenvolvam algum tipo de autonomia na escolha de suas listas de livros e de autores.

4 QUESTÕES DE PESQUISA

As discussões que nortearão esta pesquisa giraram em torno dos seguintes questionamentos:

- 1- Como a inserção de uma didática de ensino de Literatura utilizando os canais de resenha e divulgação de leitura do *Youtube* contribui para aumentar o interesse pela leitura literária em alunos do 7º ano?
- 2- A utilização das resenhas e divulgações literárias feitas pelos *booktubers* podem contribuir para que os alunos do 7º ano desenvolvam algum tipo de autonomia na escolha de suas listas de livros e de autores?

5 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo exponho algumas considerações sobre as teorias que deram suporte às reflexões estimuladas por esta pesquisa e que nortearam este trabalho investigativo. Aqui faço uma breve discussão sobre letramento, o ensino de leitura literária e sobre o uso de tecnologias no ensino, à luz da BNCC. Para tanto, discutirei as ideias de alguns autores, tais como: Gomes (2011; 2015; 2016); Ramos (2017); Rojo (2009; 2012; 2013); Street (2014); Araújo (2001) Bakhtin (1992).

Essas considerações traçam um breve histórico sobre o conceito de leitura, letramento e da Pedagogia dos multiletramentos, da multimodalidade para culminar em uma leitura mais atuante e consciente, envolvendo, também, reflexões sobre os alunos no espaço escolar e extraescolar nas demais competências de leitura literária.

5.1 Leitura

Como foi dito na introdução, de acordo com os PNCs, a leitura é uma atividade agregada ao regimento de processos cognitivos armazenados na memória do indivíduo e que afloram e aguçam uma vez que estimulados. A prática da leitura traz benefícios ao indivíduo para sua percepção de mundo e de cidadão, tornando-o um ser questionador e crítico definido por sua própria opinião e caráter, formando também por embasamentos literários sejam esses de forma seletiva, reflexiva ou crítica.

Bordini (1986, p. 116) elucida a prática leitora como produtora e construtora humana e social:

[...] o ato de ler se completa e gratifica o leitor, tornando-o conivente com outras vidas e outros mundos, obrigando-o a se emocionar, a repudiar, a apaixonar-se, todavia, sem nunca perder o controle consciente da situação de leitura, o que é, talvez, seu maior atrativo, pois permite um diálogo em igualdade de condições.

A leitura, ao longo dos anos e com a ascensão da tecnologia, tem proporcionado inovações nas práticas pedagógicas, assim como, impulsionado a forma de ver a vida ou de ler através de outros armazenamentos e ferramentas que vão além de livros, jornais, revistas, rádio e televisões. Hoje em dia um bebê já tem contato com o mundo tecnológico através de *tablets*, *smartphones* até mesmo os próprios computadores. A leitura do modo que aprendemos quanto

estudantes, a forma que víamos o mundo através dela mudou completamente ao passar dos anos, hoje nossos filhos tem um acesso total as informações em um simples ato de digitar no *Google*, o site mais utilizado para pesquisas em todo o mundo.

Podemos constatar essa revolução durante a pandemia do *coronavirus*, em 2019, quando os professores tiveram que se reinventar, viraram os *youtubers* dos seus próprios alunos se adaptando a uma forma de ensino remota que trouxe outro viés para dentro das escolas, capacitação de professores e adaptação dos alunos. “Os professores tanto das escolas públicas quanto das escolas privadas estão se tornando *youtubers*, gravando vídeos, preparando aulas atrativas, superando os seus limites” (Gonzatti *et al.*, 2021). Ou seja, em todas as disciplinas incluindo a leitura, interpretação de textos.

A partir do conceito de leitura, minha motivação inicial em se trabalhar com essa turma escolhida, foi justamente essa ânsia de tentar sanar a questão de dessinteresse pela leitura. Penso que uma das maiores dificuldades encontradas por um professor, seja a dificuldade de leitura e de compreensão literária; isso porque a compreensão literária se faz a partir de um olhar intratextual que extrapola as informações, ou seja, não se dá pelo próprio texto. Desse modo, ela se faz a partir do conhecimento interno e externo e depende do conhecimento social, crítico e literário do próprio aluno. No entanto, como afirma Mey (1997), “não é suficiente se ter capacidade de ler e escrever ou de se ter acesso à internet é necessário também saber o quê se procurar na rede”. Nesse sentido, é saber utilizar a rede para seu crescimento intelectual e não somente como passa tempo.

Com relação à compreensão literária, refiro-me aqui quando a ação do leitor constitui em uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. Podemos citar como exemplos de textos literários: narrativa, poética ou teatral utilizando textos narrativos ou épicos, líricos e dramáticos.

A compreensão literária difere da textual porque, mais do que na mensagem, incide na forma como a veicula, o que promove o jogo lúdico interativo com o leitor em que este é convidado a participar na sua decodificação, a leitura de textos literários como transação ativa e construtiva do leitor com o texto pode torná-la num modo de aprendizagem poderoso para desenvolver a compreensão exercitando capacidades cognitivas e afetivas, como explicam vários autores (Sousa, 2007; Mello, 2010; Silva, 2010).

A compreensão de texto vai além de decodificar o que está escrito e assimilar as principais palavras e ideias por meio de informações concretas que estão inseridas dentro do

texto, para isso, se faz necessário questionar como o leitor interfere no processo de produção de sentidos. A partir dessa indagação, é possível constatar que o papel do leitor se constrói a partir do transcurso da história de maneira individualizada, na sua concepção de linguagem e de mundo.

Nesse sentido, para Kleiman (2016, p. 10),

a compreensão de um texto escrito envolve a compreensão de frases e sentenças, de argumentos, de provas formais e informais, de objetivos, de intenções, muitas vezes de ações e de motivações, isto é, abrange muitas das possíveis dimensões do ato de compreender, se pensarmos que a compreensão verbal inclui desde a compreensão de uma charada até a compreensão de uma obra de arte (Kleiman, 2016, p. 10).

Portanto, a concepção de compreensão leitora adotada neste trabalho diz respeito à ação do leitor ler, atribuindo sentido, e tecer relações entre o texto e a realidade na qual está inserido. Significa dizer que, para além das palavras ali escritas, o leitor deverá ser capaz de aprender, de apreender o que está nas entrelinhas e saber posicionar-se criticamente frente à temática nele trabalhada.

5.2 Letramento

Faz-se necessária a reflexão de que não há apenas um letramento, mas letramentos, porque variados também são os fatores sociais, culturais, tecnológicos e históricos. A partir dessas novas e múltiplas formas de organização e de participação social, surgiram as variações de letramentos que se ramificam nas práticas sociais contemporâneas – reais ou virtuais – em sua multiplicidade (letramentos múltiplos) (Rojo, 2009), relacionados à cultura local dos sujeitos (letramento vernacular), aos letramentos valorizados universal e institucionalmente (letramentos ideológicos e dominantes).

Os letramentos ideológicos ou dominantes refletem o que Mey (2017) articula em seu artigo *As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder*. O autor afirma que “O Letramento como tal não existe”. O Letramento sempre incorpora a voz letrada de alguém, ou melhor, a voz letrada de algum agente social. Sendo assim, para Mey (2017),

O letramento não é o que torna as pessoas letradas: é a maneira pela qual as pessoas funcionam no discurso da sociedade, se utilizando das suas próprias vozes. O letramento é como a cultura: não é um objeto, ou um objetivo em si; é uma função na sociedade ou, mais precisamente, um meio de funcionamento.

A partir dos estudos do Grupo Nova Londres (GNL)⁵, surgiu uma perspectiva diferente, baseada no ensino explícito e nos diferentes ambientes do trabalho. Para isso, era preciso ver “os livros especializados nas áreas de multimídia, os letramentos em ambientes de trabalho e a diversidade cultural e linguística da sociedade”. A partir dessa perspectiva, é possível observar uma abrangência do Letramento para além do ambiente escolar, voltado às “linguagens necessárias e para a construção de sentido nas três esferas de nossa existência: nossa vida profissional, nossa vida pública (cidadania) e nossa vida privada (mundo da vida) (GNL, 2021 p. 108).

Dessa forma, a utilização de multiletramentos, de acordo com os autores, supera as limitações das abordagens tradicionais, enfatizando como a ação de negociar as múltiplas diferenças linguísticas e culturais em nossa sociedade permite que os alunos alcancem duplamente objetivos de aprendizagem do campo do letramento: evoluindo no acesso à linguagem do trabalho, do poder e da comunidade, e fomentando o engajamento crítico necessário para projetar seu futuro social, alcançando sucesso por meio de trabalhos realizadores (p. 102).

Adoto, nesta pesquisa, a concepção de letramentos – no plural –, acompanhando a perspectiva intercultural, multicultural estabelecida na sociedade atual respaldada pela cultura da diversidade. Isso se justifica por essa concepção de “letramentos”, no plural, ser definida pelos múltiplos comportamentos que os distintos grupos socioculturais representam nas práticas de usos da linguagem (leitura e escrita).

Street (2007) indica a inviabilidade de se falar em Letramento, no singular, dado que

[...] modos diferentes pelos quais representamos nossos usos e significados de ler e escrever em diferentes contextos sociais e o testemunho de sociedades e épocas diferentes demonstra que é enganoso pensar em uma coisa única e compacta chamada letramento (...) prefiro trabalhar com base no que chamo de modelo ‘ideológico’ de letramento, o qual reconhece uma multiplicidade de letramentos; que o significado e os usos das práticas de letramento estão relacionados com contextos culturais específicos; e que essas práticas estão sempre associadas com relações de poder e ideologia: não são simplesmente tecnologias neutras (2007, p. 466).

⁵ O Grupo de Nova Londres é formado por dez pesquisadores de diferentes áreas relacionadas à educação linguística. Os participantes do grupo se reuniram em 1994 para a elaboração de uma proposta pedagógica apropriada para o mundo contemporâneo, o que originou a Pedagogia dos Multiletramentos. Em 1996, foi publicado o manifesto do grupo, intitulado *A Pedagogy of Multiliteracies: designing social futures*. Disponível em: < O Grupo de Nova Londres – TEACLE (unicamp.br)> Acesso em: 12 set. 2023.

Observa-se, nesse sentido, que o termo Letramento vem se tornando cada vez mais utilizado e que reflete os contextos culturais, as relações de poder e as ideologias presentes nas experiências sociais do indivíduo. Como podemos observar, em qualquer novo conceito, o de letramento encontra-se em pleno debate e amadurecimento, tornando-se, dessa forma, um termo atemporal, inclusive a partir dos seus desdobramentos como Letramentos (múltiplos) e multiletramentos.

Lembro-me de um artigo de opinião de Rubem Alvez que dizia “só aprende quem tem fome; não quero a faca nem o queijo, eu quero é fome”. Assim, enquanto nós, professores, não despertarmos a fome de aprender e de conhecer em nossos alunos, a educação será apenas uma burocracia social em que a educação e a escola sozinhas não conseguem produzir igualdade.

É necessário, pois, instigar aquilo que nos move ao aprender, que é a curiosidade, a fome. Nesse sentido, Freire destaca que

a curiosidade como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de esclarecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e que nos põe pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos (Freire, 2019, p. 33).

Desse modo, ao respeitar a leitura de mundo dos alunos, os seus espaços de socialização, sua cultura e sua pluralidade, é possível abrir novos caminhos de aprendizagem na busca por um espaço de resistência, quando a sociedade é desigual, excludente e injusta.

É interessante ressaltar que, diante das primeiras leituras literárias, os alunos tenham condições de identificar, dentro da sua realidade, uma inter-relação, entre aquilo que se lê e aquilo que ele acha ser preciso ler, e o que o professor acha necessário ler. Jacob Mey (1997) corrobora com esse pensamento ao afirmar que

Não se tem só que saber algo por sabê-lo; também se precisa saber o *porquê* desse saber, o porquê que o conhecimento faz ‘sentido’, no duplo significado do termo, o do ‘sentido’ que inclui a ‘direção’. A direção do conhecimento é determinada pela função que esse tem no meio em que se vive.

E esse sentido só se dá a partir da relação entre o que eu sei e o que eu devo saber. Muitas vezes, eu, como professora, desconsiderava essa direção, ou seja, achava que só existia a minha direção, aquela trazida e imbricada em minha formação. No entanto, ao conhecer essas teorias, busco hoje compreender que o meu aluno tem uma direção que ele mesmo quer buscar.

Isso é interessante, uma vez que, ao problematizar em uma pesquisa a teoria dos multiletramentos, já se pressupõe que a direção é dada na sociedade e pela diversidade cultural que uma sala de aula traz.

5.3 Tecnologia e multimodalidade

Segundo Tayrine (2020), em tempos digitais, grande parte da população possui celular conectado à internet, e a leitura dos textos que circulam no meio digital exige habilidade de navegação e de compreensão, de interação com hipertextos digitais e com textos multimodais. Desse modo, de acordo com Tayrine (2020, p.1), “isso significa dizer que novos tempos demandam um professor que, além de saber realizar essas leituras, trabalhe com os alunos estratégias leitoras a partir do que já sabem”.

Nessa perspectiva, a educação não pode ter um ensino excludente. Excludente social e culturalmente, em que algumas pessoas são privilegiadas em detrimento de outras, e que fazer parte é sentir-se representado em diversos momentos da vida educacional por meio das diversas manifestações da linguagem. Sobre isso, é possível entender que os alunos não se veem representados nos materiais apresentados em classe e que os temas que vêm sendo debatidos no espaço escolar não buscam uma representatividade sobre pessoas e lugares, viabilizando as diversas identidades sociais, e reconhecendo e valorizando a composição heterogênea das sociedades em que esses alunos estão inseridos.

O Grupo Nova Londres (1996) trouxe para a escola a discussão sobre a necessidade de práticas de ensino de leitura que contemplem toda a diversidade cultural e social, ora vigentes na sociedade, com o fim de transformar as práticas de leitura, que eram apenas linguísticas, em atividades enriquecidas pelos elementos imagéticos e sonoros, ganhando mais significação para os leitores.

Isso se deu por que, para o Grupo Nova Londres, o uso de abordagens da pedagogia dos multiletramentos permitirá que os alunos alcancem duplamente objetivos de aprendizagem do campo do letramento: evoluindo no acesso à linguagem do trabalho, do poder e da comunidade e fomentando o engajamento crítico necessário para projetar seu futuro social, alcançando sucesso por meio de trabalhos realizadores (Grupo Nova Londres, 1996, p. 102).

Neste sentido, o termo Multiletramentos, como iniciado e planejado no encontro de Nova Londres, consiste em uma leitura com base na metalinguagem que descreva os

significados em vários domínios. Isso inclui o textual e o visual, bem como as relações multimodais entre os diferentes processos de construção de significado que são agora tão críticos nos textos midiáticos e nos textos multimidiáticos (GNL, 2021 p. 102).

Os modos de significado, para além do linguístico (verbal), são cada vez mais importantes, incluindo os Significados Visuais (imagens, layouts de páginas, formatos de tela); os Significados Sonoros (música, efeitos sonoros); os Significados Gestuais (linguagem corporal, sensualidade); os Significados Espaciais (os significados dos espaços ambientais, arquitetura de espaços); e Significados Multimodais (GNL, 2021. p. 129).

É interessante observar, nesse exemplo, que os professores têm explorado ações multimidiáticas em sala de aula. Fala-se em *sites*, aplicativos, árvores de leitura, desenvolvimento de *softwares*, uso de celular para aprendizagem, aulas invertidas, principalmente no período da pandemia, em que toda atenção estava voltada ao ensino à distância. Para Gomes (2021, p. 2), a pandemia tornou-se um pandemônio. Professores, pais, tias e tios, avós e avôs, enfim, buscavam dispositivos, conexões, *softwares* e quem pudessem ajudá-los com aplicativos, a fim de amenizar o que o autor chama de caixa de pandora⁶ da tecnologia. Em seu ensaio, Gomes (2021, p.3) ainda reflete sobre o esquecimento de todos os estudos feitos anteriormente. Como ele mesmo diz: “foram jogados nos porões do esquecimento quase duas décadas de pesquisa sobre educação à distância”, e feito um recomeço totalmente do zero; inclusive, segundo Gomes (2021), com a adoção de uma nova denominação: ensino remoto.

Sendo assim, com a pandemia e com essa necessidade de utilização de diversas plataformas de comunicação e interação, foi possível, para mim, como professora, também participante desse processo, observar que, sim, a tecnologia existe e faz total sentido para a sala de aula, e que é preciso que seja disseminada e valorizada na escola da mesma forma que nas práticas e nas culturas juvenis.

Nesse sentido, ao conquistar espaço no cotidiano escolar, os multiletramentos passaram a ser mais explorados pelo professor que também passou a explorar produções digitais mais constantes nas práticas socioculturais dos alunos. No entanto, cabe à escola, a mediação e a

⁶ A **Caixa de Pandora** é um objeto extraordinário que faz parte da mitologia grega. Trata-se de um caixa em queos deuses colocaram todas as desgraças do mundo, entre as quais a guerra, a discórdia, as doenças do corpo e da alma. Contudo, nela havia um único dom: a esperança.

orientação em relação ao bom uso, interpretação, função social, criticidade na interação *online*, além de propor análises de distintos gêneros que compõem a sociedade atual.

O autor ainda reflete que é na tecnologia de informação e comunicação que parece trazer a esperança de se promoverem verdadeiras mudanças sociais como se percebe em diversos movimentos contemporâneos, em que a voz da massa não apenas é ouvida, como também provoca reais transformações em meio à sociedade por intermédio de aplicativos e de redes sociais, a exemplo do *WhatsApp* ou do *Facebook*. Daí a importância de não ser vista apenas como uma ferramenta facilitadora do trabalho docente e como um atrativo a mais para o alunado, mas, sim, como

[...] mediadora de formas – algumas novas – de expressão e de comunicação, que envolvem usos de múltiplas linguagens e que hoje, mais do que nunca, favorece as relações interculturais. E, claro, pensamos nas tecnologias como ampliadoras e difusoras das vozes sociais, pois tais usos já têm ocorrido, mas, infelizmente, na maioria das vezes, sem a participação da escola. Talvez por que as práticas docentes estejam mais focadas nos usos feitos *pelos* professores e na tecnologia como *meio de ensino*, reduzindo, assim, seu valor e seu potencial (Gomes, 2015, p. 2).

Assim, ele também explica a importância de a escola compreender o “poder transformador” que as novas tecnologias podem representar dentro e fora do âmbito escolar. Nesse contexto, por meio da linguagem, são colocadas em evidência as divergências, a materialização da luta de classes, a disputa pelo poder por grupos antagônicos, as crenças religiosas e as demonstrações de preconceitos. Nesse jogo – da palavra que se liga a uma outra palavra – o sujeito falante, que apreende o discurso do outro, não é um ser mudo e passivo; ao contrário, é um ser perpassado pelas suas próprias palavras e pelas de outrem.

Como podemos observar, esse conceito abrange as práticas de leitura, de escuta e de escrita de textos compostos de múltiplas linguagens, mas não é só isso, todas essas multiplicidades de linguagem só envolvem significado e significação a partir da multiplicidade e diversidade de culturas envolvidas nas três esferas sociais da vida propostas pelo GNL. Tal compreensão é perceptível nos *posts*, nas conversas e comentários de vídeos e imagens nas quais os participantes de espaços e afins como *Youtube*, *blogs*, *fandom* e *booktube* possam se encontrar, e a partir da interação construam significados.

5.4 BNCC e Multiletramentos

Os estudos sobre os multiletramentos e multimodalidade, conforme discutidos no item anterior, estão em consonância com as diretrizes da BNCC (Base Nacional Comum Curricular)⁷ (Brasil, 2018) já em andamento, desde 2019 e aprovada em 2022; o Brasil vê-se diante de uma nova realidade de ensino de linguagem norteadas principalmente pela BNCC e pautada pela urgência de remodelagem do ensino para o Ensino Médio. No entanto, esse estudo não é algo novo, pois, desde setembro de 2015, a 1ª versão da BNCC é disponibilizada, gerando, em dezembro do mesmo ano, uma possível mobilização das escolas de todo o Brasil para a discussão do documento. Em 20 de dezembro de 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi homologada pelo ministro da Educação, Mendonça Filho, e, em dezembro de 2018, o ministro da Educação, Rossieli Soares, homologou o documento da Base Nacional Comum Curricular para a etapa do Ensino Médio, dando um enfoque do global para o local, compensando culturas e abrangendo conhecimentos a partir da atuação do aluno/jovem dentro do universo das redes sociais.

Em um contínuo com o Ensino Fundamental, a proposta da BNCC para o Ensino Médio tem por objetivo uma integralização, permitindo ao aluno de qualquer nível de ensino o desenvolvimento da sua autonomia.

A área de Linguagens, no Ensino Fundamental, está centrada no conhecimento, na compreensão, na exploração, na análise e na utilização das diferentes linguagens (visuais, sonoras, verbais, corporais), visando estabelecer um repertório diversificado sobre as práticas de linguagem e desenvolver o senso estético e a comunicação com o uso das tecnologias digitais. No Ensino Médio, o foco da área de Linguagens e suas Tecnologias está na ampliação da autonomia, do protagonismo e da autoria nas práticas de diferentes linguagens; na identificação e na crítica aos diferentes usos das linguagens, explicitando seu poder no estabelecimento de relações; na apreciação e na participação em diversas manifestações artísticas e culturais; e no uso criativo das diversas mídias (Brasil, p. 471).

Nesse viés, as diversidades cultural e linguística são pontos de partida para o desenvolvimento dessa pedagogia, as quais incluem, por exemplo, a cultura das juventudes. Segundo Azevedo (2021, p. 76), dar espaço às culturas juvenis na escola é um meio para dar visibilidade a um grupo social que, por vezes, pode ser calado pela opressão escolar. Portanto,

⁷ BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Educação é a base. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

valorizar os multiletramentos é assegurar às juventudes a oportunidade de participação efetiva na construção de conhecimentos e na cidadania, tornando a escola um lugar plural.

Desse modo, a BNCC descreve que o componente Língua Portuguesa precisa “garantir que diferentes gêneros e formas de expressão das culturas juvenis tenham lugar ao longo dos anos” (BRASIL, 2017, p. 511).

Kleiman (2013), quando em discussão sobre Linguística Aplicada, traz para a arena dos conceitos a necessidade de se construir conhecimentos que contemplem as vozes do Sul, representadas pela América do Sul. Nossa questão seria, assim, a necessidade de construir uma base nacional que contemple uma representatividade de vozes docentes de todas as regiões do Brasil, a fim de que possamos estabelecer diálogo com outros grupos de pesquisa, em nome de uma troca de experiência e de projetos docentes mais democráticos e menos centralizadores..

5.5 Canais digitais de divulgação de livros – *booktube*

De acordo com o que foi dito antes, sobre a importância de aliar a tecnologia às práticas pedagógicas, fazendo com que o conhecimento do aluno seja valorizado, esta pesquisa busca trazer para a realidade dos alunos o recurso pedagógico do *booktube*. Destaco que a principal função de um *booktuber* é fazer parte de uma comunidade leitora, no *YouTube*, que comenta, opina, faz resumos e resenhas sobre livros (e também histórias em quadrinhos). Nessa comunidade, não há critérios para idade, embora, majoritariamente, o público seja de adolescentes e jovens.

Figura 1: Imagem retirada do Youtube de canais de *booktube*

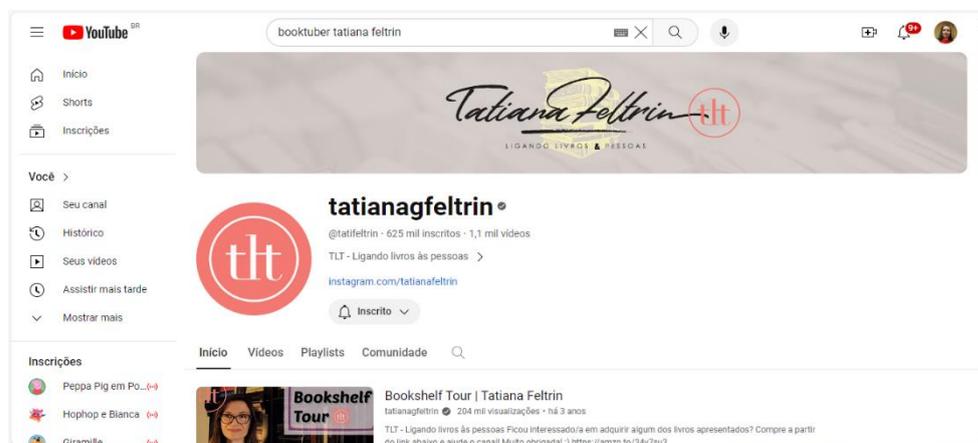


Fonte: print do Google.

Para Santos (2019) *apud* Albrecht (2017), *Booktube* é o termo utilizado para definir uma comunidade de pessoas no *Youtube* que faz vídeos sobre livros e leitura e *Booktuber* é o criador do conteúdo, focado em vídeos que abordam essas duas temáticas: livros e leitura literária. Os chamados seguidores são os sujeitos que reagem aos vídeos na forma de participação na seção de comentários ou criando vídeos de resposta às resenhas literárias. A maioria dos canais de booktube fazem listas de livros para ler com os seguidores ou já postam suas videorresenhas literárias sobre os livros lidos e compartilham nas comunidades *Booktube* seus hábitos de leitura e paixão por livros.

Alguns desses canais possuem milhões de seguidores, como o canal da Tatiana Feltrin, professora de inglês e *booktuber*, a pioneira nesse meio, que possui atualmente mais de 625 mil inscritos ou seguidores no *Youtube*. Seu canal de *booktube*, intitulado Tatiana Feltrin TLT, ligando livros & pessoas, traz uma variedade de videorresenhas sobre livros clássicos e contemporâneos. Com mais de mil videorrenhas postadas, seu canal existe desde 2008. A duração das videorresenhas depende da crítica ao livro lido e do tamanho do enredo, alguns videos duram até 1 hora ou mais e outros apenas 10 minutos.

Figura 2: Imagem do canal de booktube de Tatiana Feltrin.



Fonte: Google.

À exemplo de outros *booktubers*, a página Google traz em suas bases de pesquisas sobre escritores, leitura, *booktuber*, mais referenciados pelo modismo literário ou pela sua referência em Literatura, uma variedade de jovens que se tornaram *booktubers* atualmente. Chamando à atenção de adolescentes e jovens principalmente, despertando e incentivando o hábito da leitura literária.

Figura 3 - Imagem do Google sobre *booktubers*



Fonte: Google.

Como podemos observar na imagem 3, os estereótipos dos maiores *booktubers* do Brasil remetem à cor branca, jovens; os óculos aparecem como uma alegoria de estereótipo Nerd – pessoa inteligente. No entanto, não podemos falar aqui apenas das características físicas, pois, por trás dessa imagem, circulam os discursos de exclusão do jovem preto, ou preta, da do jovem indígena. Esses estereótipos revelam, ou desvelam, a exclusão desses jovens no mundo da leitura, trazendo reflexões cruciais sobre: *Quem é o jovem que lê, e o que não lê? Quais jovens refletem o leitor brasileiro?*

Diferentemente do que é retratado na imagem retirada do *Google*, meus alunos que participaram desta pesquisa são de maioria negros, da periferia de uma cidade do interior do nordeste, com quase nenhum estímulo à escrita e/ou à leitura. Sendo assim, podemos concluir que o perfil do *booktuber* brasileiro, embora esteja velado, traz uma pressuposição de hegemonia social.

Segundo Gomes (2015, p.1), há um “paradoxo” que vai de embate à realidade da exorbitante desigualdade social existente nesse país, responsável por manter um número considerável de brasileiros à margem dessas “novidades tecnológicas”, já que não possuem nem “energia elétrica estável”. Dessa forma, o autor reforça que “não podemos deixar de considerar que a tecnologia que inclui é a mesma que exclui”. É interessante ressaltar que Gomes (2021, p. 6) ainda traz essa reflexão, confirmando que, após seis anos, “ainda vivemos em condições desiguais de avanços tecnológicos”, e que essa desigualdade é oriunda não apenas da pobreza ou da falta de recursos do país, mas, sim, da falta de decisões políticas.

5.6 Resenha e Videoresenha Literárias

A resenha é um gênero textual que tem como objetivo apontar uma descrição, opinião ou crítica de algum objeto, texto, filme ou livro. Há vários tipos de resenhas e com funcionalidades diferentes, que estão ligadas ao discurso acadêmico e jornalístico, no entanto, quando relacionadas as redes sociais e internet, o gênero resenha é diversificado e aparece com novas funcionalidades e intencionalidades discursivas.

As resenhas literárias têm a função de divulgar uma obra literária a partir de elementos que permitam ao leitor conhecer o livro resenhado apontando as principais características. Araújo *et al.* (2001) *apud* Sousa (2012) “defende que a resenha forma uma constelação de gêneros, já que, por meio do ato de resenhar, podemos chegar à resenha de música, à resenha de teatro, à resenha de cinema e à resenha de ballet, por exemplo.” (p. 853).

A internet trouxe a possibilidade dos gêneros textuais se reinventarem ou de surgimento de nossos gêneros de acordo com a função ou com a intencionalidade. Isso aconteceu com a resenha literária que passou a ter essa adaptação nos canais de divulgação literários do *Youtube*, passando a ser videoresenhas por conta do meio que circula e de utilizar áudio e vídeo para sua construção. O termo videoresenha foi adotado por Lima *et al.* (2018) em estudo preliminar acerca das resenhas realizadas nesse ambiente virtual, por que parece haver um processo de reelaboração do gênero Resenha, tal como percebeu o estudo de Araújo *et al.* (2018) e de Araújo, Sousa e Cavalcanti (2020). De acordo com Araújo *et al.* (2021) “o ato de resenhar passar a ser uma prática discursiva complexa por causa das muitas funções que ela desempenha” (p.853) e não apenas um gênero textual.

A videoresenha é um exemplo do gênero citado pelos autores, que foi reinventado de acordo com o meio que circula, como a utilização de áudio e vídeo e uma linguagem mais informal, esse gênero passa a ter novo formato e outras características diferentes do modelo acadêmico.

Para Bakhtin (1997), os gêneros são delineados a partir das esferas discursivas a que se vinculam. Sendo assim, ao utilizar as videoresenhas nos canais de divulgação de livros no *YouTube*, seus usuários então reelaborando o gênero por meio de sua nova estrutura discursiva, diferentemente da esfera acadêmica. Por isso o gênero se torna singular, Araújo (2021).

De acordo com o mesmo autor, Araújo (2016), esse processo de reelaboração de gêneros discursivos nas redes sociais está associado a liberdade de criatividade proporcionada por esses espaços virtuais, que permite a utilização de diversas ferramentas tecnológicas que são utilizadas na internet, como os aplicativos. Em seu artigo intitulado *videorresenhas do Booktube: uma análise da organização sociorretórica desse gênero*, Araújo et al. (2021) faz uma análise da fala de 10 *booktubers*, mostrando como o gênero resenha foi reelaborado a partir da sua funcionalidade e intenção na internet.

Os autores fazem uma análise da retórica dos *booktubers* a partir do modelo *Create a Research Space* (CARS), elaborado por Swales (1984), “que propõe que os gêneros, principalmente os acadêmicos, se constroem a partir de uma organização retórica que lhes permite atingir seus propósitos comunicativos.” (p. 855). No entanto, esse modelo melhor se adequa à análise de gêneros acadêmicos, pois são mais padronizados.

Segundo Araújo (2021), com base no modelo de análise de Swales (1984) para análise de resenhas acadêmicas outro autor Motta-Roth (1995) elabora uma síntese do modelo de Swales e é a partir desse esquema que Araújo (2021) analisa discursivamente a fala de 10 *booktubers* para comprovar a reelaboração do gênero resenha a partir do *Booktube*.

Em suas análises, Araújo (2021) comprova que a reelaboração do gênero resenha literária acontece a partir do ponto de vista da linguagem e da estrutura sociorretórica do gênero que se adapta ao contexto dos canais de *Booktube* com a funcionalidade e intencionalidade de atrair o leitor para outro universo da Literatura, utilizando para isso instrumentos audiovisuais que dão maior interação entre o autor das resenhas, *booktuber*, e seus seguidores, que também correspondem com comentários ou compartilhamento de vídeos em resposta a *videorresenha* do livro.

5.7 Gênero Entrevista

Os gêneros textuais estão ligados ao estudo da Língua Portuguesa, não há como trabalhar questões linguísticas sem explorar algum desses gêneros. Para isso, a seleção de um gênero e mesmo dos próprios textos a serem utilizados nas aulas de Língua Portuguesa, precisa seguir critérios que facilitem o aprendizado da língua e que estejam de acordo com a intenção de comunicação.

Baltar (2004, p. 19) afirma que para atuar segundo a prática da produção de textos, deve-se levar em conta os postulados difundidos pela Linguística Textual, porém é necessário reformular os currículos e trabalhar com texto, mas de acordo com as reais necessidades de uso dos falantes da língua. Visto que, não traz eficácia a escolha de um gênero que não pode acrescentar experiência para o aprendizado dos alunos, que visa somente ilustrar a definição, porém sem que isso possa ser associado a suas experiências e expectativas de uso da linguagem. Sendo assim, o aluno deve ver no estudo da língua gêneros textuais que eles conheçam, já ouviram falar ou que fazem parte do seu cotidiano. É o caso do gênero textual entrevista, usado nessa pesquisa como produção de texto e meio para obtenção de dados da pesquisa.

Segundo Bakhtin (1992, p.282), a língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. Esta interrelação permite a troca de experiências prévias e presentes, dependendo do grupo com que se está trabalhando, de sua faixa etária, nível socioeconômico e campos de interesse. A escolha deste gênero textual é relevante devido as variadas competências linguísticas que o gênero apresenta, dentre elas: a intercomunicação oral, reprodução de discurso direto e indireto, transcrição de falas, descrição e ainda habilidade de argumentação.

Ao escolher o gênero entrevista para se trabalhar nessa pesquisa, como professora pensei que deveria escolher um gênero que os alunos tivessem contato ou que já tinham visto antes. Quando perguntados como era uma entrevista, eles disseram que era alguém fazendo pergunta para outro com o objetivo de obter informações pessoais ou de outro tipo. Todos os alunos já tinham assistido alguma entrevista anteriormente. Alguns até já tinham produzido uma, no ano anterior, era uma entrevista com algum cantor ou famoso que eles gostassem. Sendo assim, a escolha do gênero trouxe satisfação e segurança para eles que iriam produzir uma entrevista com uma das personagens do livro escolhido na SD.

A definição do gênero adotada nessa pesquisa é vista em Baltar (2004, p.135): gênero jornalístico que se caracteriza por sua estruturação dialogal, com perguntas e respostas, precedidas por um texto explicativo de abertura. O discurso predominante é interativo, com sequências dialogais e expositiva.

A partir do estudo da estrutura do gênero entrevista e do conhecimento da entrevista da autora Lygia Bojunga, os alunos iriam fazer suas próprias produções textuais, escolhendo uma das personagens do livro “A Bolsa Amarela” e fazendo o diálogo com outro aluno produzir seu texto. O objetivo era o de explorar mais o texto literário e de aguçar a criatividade do aluno,

imaginando como aquela personagem responderia tal pergunta, como a história continuaria. Além da interação entre os alunos, essa produção de texto seria base para a produção final da videorresenha.

6 METODOLOGIA

Nesse capítulo descrevo os procedimentos metodológicos utilizados para a obtenção dos dados desta pesquisa por meio da sequência didática planejada. Trago uma breve explicação sobre o conceito de pesquisa qualitativa. Em seguida, trato dos aspectos específicos desse trabalho investigativo, como a abordagem, o contexto, o perfil dos participantes e os procedimentos e instrumentos de geração de registro de dados. Finalizo, então, com a exposição da sequência didática.

A pesquisa qualitativa surgiu no século XX, quando ocorreu um desenvolvimento científico significativo. As pesquisas que adotam esse paradigma, na maioria das vezes, exigem do pesquisador uma imersão no campo de pesquisa, participação no contexto em que ela é desenvolvida e uma interpretação/análise muito dependente da sua subjetividade; no entanto, ela vem cada vez mais ganhando credibilidade. Essa metodologia de pesquisa se deve muito à filosofia e à sociologia, em que ela tem suas raízes alicerçadas.

Na busca por uma definição mais clara e tentando sair da generalização, utilizo a seguinte definição de Bogdan e Biklen:

Utilizamos a expressão investigação qualitativa como um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. As questões a investigar não se estabelecem mediante a operacionalização de variáveis, sendo, outrossim, formuladas com o objectivo de investigar o fenómeno em toda a sua complexidade e em seu contexto natural (Bogdan e Biklen, 1994, p.16).

Sendo assim, acredito que uma investigação qualitativa pressupõe o tipo participante de pesquisa, caracterizado justamente pela interação entre o pesquisador e demais participantes que estão envolvidos em diferentes fases do processo (Brandão, 1981 *apud* André, 2012, p. 32).

Para Bortoni-Ricardo, a pesquisa deve ser iniciada “com perguntas exploratórias sobre temas que podem constituir problemas de pesquisa” (p. 49). O pesquisador deve refletir sobre tais temas e eleger um deles. “A definição de um tema e a proposição das perguntas

exploratórias são duas etapas iniciais muito importantes”, pois, para se realizar uma pesquisa, deve-se ter clareza do que se quer investigar (p. 50). O exame de Literatura pertinente também é fundamental e indispensável nessa etapa. Sendo assim, minha pesquisa foi baseada nas respostas dos alunos quando perguntados na entrevista quais os tipos de leitura que faziam e em quais meios costumavam ler. A partir dos dados coletados decidi que o foco da minha pesquisa seria voltado para a utilização da internet como instrumento de leitura.

6.1 Abordagem da Pesquisa

O desenvolvimento da atividade que proponho neste trabalho, que envolve parte de pesquisa e de prática, pressupõe um levantamento prévio, realizado por meio de questionário para investigação sobre a frequência com que meus alunos se dedicam a leitura de textos literários, à detecção de possíveis influenciadores comportamentais, os motivos que os levam ou não a ler, os gêneros e aos temas que mais os interessam. Já se registra que, pelo contato diário com os alunos, supunha-se que o questionário indicaria um afastamento da leitura literária, e foi exatamente o que ocorreu. O questionário servirá ainda como ferramenta para a escolha dos textos trabalhados em sala, optando-se por temas apontados pelos alunos como os mais atraentes.

Dentro do contexto da sala de aula, observando as necessidades apresentadas, serão propostas atividades que possam contribuir nessa intenção de despertar no aluno o gosto pela leitura literária, tendo em vista a hipótese de que os alunos de algumas escolas no Brasil, bem como da escola onde leciono, têm abandonado a leitura literária. Além da possível contribuição para com o desenvolvimento da leitura literária dos alunos, a pesquisa pretende colaborar com o desempenho profissional dessa professora-pesquisadora, levando-a a “uma melhor compreensão de suas ações como mediadora de conhecimento e de seu processo interacional com os educandos. Vai também ter uma melhor compreensão do processo de ensino e de aprendizagem” (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 33). Desse modo, a pesquisa envolverá os alunos do 7º ano vespertino, estudantes do Ensino Fundamental da Escola Municipal de Educação Básica Arthur Ramos, situada na cidade de Pilar-AL, localizada na Rua Senhor do Bonfim, no bairro Chã do Pilar-AL.

Por estar em uma região centralizada, e, levando-se em consideração o perfil da comunidade, essa Unidade Escolar busca levar uma educação com ensino de qualidade. Assim,

essa escola oferece as modalidades de Ensino Fundamental I e II. Ela conta com uma pequena biblioteca improvisada, de acervo bastante reduzido. Sua biblioteca funciona basicamente para guardar os livros didáticos, usados com pouca frequência, fazendo com que o espaço permaneça fechado em boa parte do tempo.

6.2 O contexto da pesquisa

O *locus* da pesquisa é uma turma de 7º ano do ensino Fundamental II, turno matutino, da escola já citada anteriormente, Escola Municipal de Educação Básica Arthur Ramos.

A escolha da escola se deu por conta da minha atuação como professora de Língua Portuguesa concursada nessa escola, como já dito. O meu contato diário com os alunos, despertou o interesse e a necessidade de tentar sanar uma questão de leitura e aprendizado que os alunos estavam apresentando nas aulas de Língua Portuguesa: a falta de interesse pela leitura literária.

6.3 A escola

A escola funciona no CAIC (Centro de Atenção Integrada à Criança e ao Adolescente) situada na cidade de Pilar-AL, intitulada Escola Municipal de Educação Básica Arthur Ramos e está localizada na Rua Senhor do Bonfim, no bairro da Chã do Pilar, no estado de Alagoas, como já dito. A cidade do Pilar possui como característica marcante a pesca e os comércios locais. Atualmente tornou-se conhecida pelo ponto turístico da Via Sacra e pela engenhosa ideia de ter o maior Cristo do mundo. No campo educacional, o município se destaca por ter a única escola pública bilíngue de Alagoas.

A instituição é comprometida em oferecer educação de qualidade com a missão de agregar na formação integral dos seus alunos, fundamentada em princípios éticos e de responsabilidade. Como finalidade educativa, está a colaboração para o desenvolvimento pleno de aspectos cognitivos e intelectuais dos estudantes, garantindo à sociedade e à família cidadãos capazes de compreenderem seu papel.

O CAIC atende as turmas desde o Ensino Fundamental, sendo Séries Iniciais e Séries Finais, até a Educação de Jovens e Adultos-EJA, com turmas dispostas no turno matutino,

vespertino e noturno, totalizando um corpo discente de 1.450 alunos. O seu horário de funcionamento é das 7h da manhã até às 21h30.

Figura 4 - Imagem do portão principal da escola



Fonte: Pesquisadora.

Figura 5 - Imagem da entrada Lateral escola



Fonte: Pesquisadora.

Para uma organização efetiva do espaço escolar, fazem-se necessárias as normas de convivência, por exemplo: é dever do aluno: agir com cortesia e respeito aos professores, funcionários e colegas; seguir os horários estabelecidos pela escola; manter o ambiente escolar organizado e limpo; zelar pela integridade dos materiais de uso coletivo e pessoal; apresentar-se todos os dias com o fardamento adequado, dentre outros. É direito do aluno: receber educação de qualidade; usufruir dos benefícios disponíveis dentro do ambiente escolar; ser acolhido pela equipe pedagógica e demais funcionários; receber auxílio diante das possíveis dificuldades de aprendizagem, dentre outros.

Na observância desses aspectos, a escola promove, periodicamente, capacitações para toda a equipe que faz parte do quadro de funcionários, desde o pessoal da portaria até o corpo docente, para que tanto os alunos, quanto os pais e/ou responsáveis recebam um atendimento de qualidade e personalizado, de acordo com a necessidade de cada família, dentro do que a instituição enseja oferecer.

Sua organização administrativa conta com a diretora pedagógica, cuja função é de orientar e contribuir com o trabalho dos coordenadores da escola, assegurando que as atividades executadas sejam realizadas de acordo com o Projeto Político Pedagógico (PPP). Já a função da coordenação é de mediadora entre a direção e o corpo docente, bem como entre pais e/ou responsáveis e os professores. Além disso, ela deve dialogar, planejar e promover transformações dentro do ambiente escolar. O conselho escolar é composto por pais e

responsáveis, docentes, funcionários, membros da comunidade escolar e a direção da escola; ele é responsável por decisões realizadas dentro da escola.

A instituição de ensino, no início do ano letivo, realiza avaliações diagnósticas com o objetivo de identificar o grau de conhecimento de cada aluno, momento em que serão indicados os avanços e as dificuldades da turma. No decorrer do ano, os professores utilizam, simultaneamente, as avaliações formativas, utilizando atividades de pesquisas, produções orais, estudos de caso, bem como utilizam as avaliações comparativas com atividades para casa e resumos dos conteúdos já trabalhados. Ao fim de cada bimestre, realiza-se a modalidade de avaliação somativa com exames avaliativos.

A Escola Municipal de Educação Básica Professor Arthur Ramos possui sala de recursos, AEE e equipe de assistência para educação especial e inclusiva, sala de rotação por estações, laboratório de robótica e ciências, biblioteca, quadra de esportes, horta e auditório. Possui de 35 a 45 alunos por série, com professores para cada disciplina, de acordo com as necessidades, entre eles, efetivos e contratados. Possui secretaria, tendo de 6 a 12 funcionários e atendimento nos três turnos de funcionamento da escola. No local, utiliza-se o sistema de ensino i-educar⁸, possui *i-diário*, *wireless*, *wifi*, e se realiza organização de documentação e de atas com frequência. O espaço também dispõe de um arquivo morto. De sete (7) a doze (12) funcionários para limpeza e manutenção da escola. Essa Unidade Escolar dispõe de acompanhamento nutricional feito pela Secretaria de Educação, e do desempenho dos preparos das alimentações feito pelas merendeiras que possuem formações constantes e desenvolvem o cardápio que é enviado para a escola, oferecendo de cinco (5) a seis (6) refeições por dia letivo. O espaço referido a essa atividade possui refeitório e dispensa para guardar os alimentos.

Os recursos pedagógicos são utilizados com frequência, entre eles, *chromebooks*, lousa digital, caixa de som, materiais esportivos e bibliográficos, projetor multimídia etc. Para o uso, é realizado agendamento prévio e compartilhado entre os docentes. A coordenação e a direção realizam formação e reuniões periódicas na modalidade presencial e *online* por horas de planejamento individual e coletivo, além de formações continuadas oferecidas pela Secretaria de Educação do município.

⁸ O i-Educar é um *software* livre utilizado por diversas prefeituras em Alagoas que busca descomplicar e torna mais eficaz a gestão dos processos escolares, matrículas e dados de aluno. I-Diário é uma subdivisão do i-educar que atende aos docentes, servindo-lhes como caderneta escolar. *Wireless* e *wi-fi* são dispositivos de acesso à internet.

A escola também dispõe de atendimento psicossocial e setor socioemocional, por psicólogos e assistentes sociais, e, além disso, realiza busca ativa dos alunos que deixam de frequentar a escola ou a abandonam. Essas atividades acontecem frequentemente com o intuito de diminuir e possivelmente sanar as evasões.

Ela também oferece aos educandos realização de projetos culturais, aulas de campo, visitas ao complexo esportivo, idas ao Cine Pilarense etc., como forma de integrar seus alunos à área cultural.

No que diz respeito ao ambiente escolar, e na interação dos professores, a escola consegue trabalhar de forma harmoniosa com todos; nesse aspecto, o ambiente é propício e a gestão age de modo atuante, conferindo mais segurança ao corpo docente. Destaco que, atualmente, não são recorrentes questões de violência, e isso se deve à troca de gestão municipal e ao trabalho concomitante ao Governo Estadual que realizou uma força tarefa no município com a Polícia Militar e da Guarda Municipal dentro da escola, através da Ronda Escolar e da permanência da Guarda escolar nos arredores dela.

A estrutura escolar é bem definida e organizada, difere de muitas escolas públicas nesse quesito. A quantidade de alunos por sala varia entre 35 a 45 alunos por sala, com professores para cada disciplina, de acordo com as necessidades, entre eles, efetivos e contratados. Há professores para todas as disciplinas.

6.4 Perfil dos alunos participantes

No decorrer do tempo de sala de aula e da minha permanência na escola, escolhi a turma do 7º ano vespertino para aplicar esta pesquisa. Nesta turma, trabalho com 35 alunos entre 12 e 13 anos de idade, divididos em 20 meninas e 15 meninos. É uma turma de difícil concentração, mas que consegue acompanhar todo o percurso de aprendizagem proposto em sala de aula. Como é uma série que eu sempre lecionei, achava normal as reações, coisas da idade de adolescentes. Mas, a partir do meu ingresso no Mestrado, pude ter uma noção diferenciada à respeito da minha disciplina e um direcionamento maior para o trabalho com a prática de produção de texto.

Sempre trabalhei com turmas do 7º ano, mas, raramente, deparava-me com o olhar diferenciado que passei a ter a partir do ingresso no mestrado profissional. Comecei a ver meus alunos, suas histórias coletivas, suas inquietações e desconfortos individuais no decorrer do ano letivo. Além dessas histórias, existiam as inquietações de cunhos sociais, a falta de motivação, dificuldades com a leitura e a escrita.

Com o intuito de reconhecimento da turma, apliquei de início uma entrevista para conhecer melhor o aluno e a partir daí desenvolver meu projeto de pesquisa. A entrevista foi direcionada com perguntas objetivas e uma subjetiva, com o objetivo de conhecer a preferência literária, gêneros e tipos de texto, quantidade de textos lidos. Perguntas tipo: *Qual o nível de contato com a leitura você apresenta? Qual tipo de gênero literário você prefere? Qual meio você costuma ler algum tipo de texto? Etc.*, Pude observar que, dos 35 alunos entrevistados por mim, 10 reconheceram não ter nenhum contato com a leitura. Os outros 25 alunos reconhecem que leem algum tipo de texto; entre os mais citados, estão histórias em quadrinhos e textos da internet com gêneros coletados em *WhatsApp*, sites aleatórios de jogos e fazem leitura ou vídeos de Tiktok. Vale ressaltar que, dos alunos respondentes, apenas três (3) meninas afirmaram não ter contato com nenhum tipo de leitura.

O conceito de leitura adotado neste trabalho é a capacidade de ler algum tipo de texto, isso inclui ler/ver vídeos, já que todo texto é multimodal. O advento da internet possibilita aprender utilizando diversos recursos que envolvem vários sentidos. Segundo Lemke (2006) *apud* Rojo e Moura (2012, p.191), “os sentidos se processam ao mesmo tempo com a leitura de imagem, som, texto verbal, relações espaciais, entre outros”.

6.5 Os procedimentos e instrumentos de geração de registro de dados

A Sequência Didática (doravante SD) é o instrumento principal utilizado neste trabalho para obter os dados da pesquisa, tem por objetivo incentivar o gosto pela leitura literária, a análise/compreensão de algumas obras literárias e o compartilhamento das análises num canal do *Youtube* a ser elaborado ainda, por alunos de 7º ano de uma escola pública, na cidade de Pilar-AL.

O modelo de SD, utilizado como ponto de partida aqui adotado, é o de Dolz *et al.* (2004, p. 94), de acordo com os autores a sequência didática “É um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistêmica, em torno de um gênero textual oral ou escrito”. Ainda segundo os autores, uma sequência didática tem a finalidade de “ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto (p. 97)”, que ele não domina ou faz de maneira insuficiente, permitindo-lhe conhecer novas práticas de linguagem.

A multimodalidade está presente nos gêneros digitais, pois traz consigo diferentes meios de interpretação, que para a maioria dos alunos não é novidade muitos desses gêneros, porque fazem parte do seu cotidiano o acesso a eles, mesmo sem saber a nomenclatura ou sem uma

análise mais específica. Os alunos tem contato diário quando fazem seus acessos às redes sociais por meio de celular, geralmente, ou computadores. Com isso, podemos refletir sobre o uso da internet e desses gêneros como instrumento didático, já que os alunos tem contato com os mesmos e já trazem seus conhecimentos prévios.

Por isso, como professores, podemos aproveitar esse conhecimento e trabalhar esses gêneros de forma mais didática como recomendam os PCN para o ensino da Língua Portuguesa e Literatura.

Para registro dos dados obtidos por meio da SD foram utilizados os seguintes instrumentos de geração e coleta de dados, ainda que nem todos tenham sido explorados e utilizados para as análises das atividades:

- entrevistas;
- diário de bordo da pesquisadora;
- Resenhas literárias;
- registros de gravação em áudio e vídeo;
- fotografias das práticas desenvolvidas durante as aulas.

Diante disso, exponho abaixo o resumo da SD com as impressões das falas dos alunos gravadas e registradas no diário de bordo da pesquisadora e transcritas aqui como forma de dados, além das minhas impressões como professora/pesquisadora em alguns momentos em que as atividades eram feitas. As falas dos alunos transcritas são importantes para também confirmar o entusiasmo e o envolvimento ou não com as atividades propostas na SD, além disso, apontam dados comportamentais do aluno diante de uma atividade nova em sala de aula. Estes dados servirão para a análise no capítulo seguinte.

Sequência	Didática
<ul style="list-style-type: none"> ▪ 1º MOMENTO – 50 MIN 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ FALAS DOS ALUNOS TRANSCRITAS
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Apresentação das videorenhas literárias; 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>“Eu não gosto de ler! só leio pra mim mesmo”.</i> Disse Felipe. ▪ <i>“Eu só gosto de ler histórias engraçadas, tipo de humor ou de piada. Que tenha coisa engraçada, que me faça rir... hahahha (risos)”</i> Respondeu Mike.
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Pesquisa no <i>Google</i>, pelo título do livro ou pelo nome do <i>booktuber</i>; 	

<ul style="list-style-type: none"> ▪ Tarefa para casa: cada aluno deveria localizar um canal, ▪ assistir a uma vídeoresenha pelo menos e trazer para a próxima aula para compartilhar com todos. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ <i>“Ah, eu gosto mas não muito, leio só no intagram as coisas que postam. Mas se for coisa grande eu passo direto kkkk (risos)”</i> respondeu André. ▪ <i>“Não, gosto não de ler, nem me peça pra ler em voz alta, professora.”</i> Falou Bianca.” <p>(Trechos transcritos das falas dos alunos gravados em áudio e vídeo. Os nomes adotados são fictícios para preservar a identidade dos alunos menores de idade.)</p>
--	---

2º momento – 50 min	Falas dos alunos transcritas
<ul style="list-style-type: none"> • Questionário em grupo sobre as vídeoresenhas assistidas; 	<p><i>“Professora, eu quero ser booktuber agora! Posso abrir um canal só pra mim? Eu vou fazer resnhas sobre a Saga Harry Potter. Histórias desse tipo, só assim... acho que vai chamar atenção dos seguidores. (risos)”</i> disse Rayane, aluna bem extrovertida e falante.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Produção de uma resenha para compartilhar com os grupos; 	
<p>Registro em áudio e vídeo.</p>	

3º momento – 50 min	Falas dos alunos transcritas
<ul style="list-style-type: none"> • Organização dos círculos, mas eles preferiram fazer um único círculo e colocar um estudante no meio para representar um booktuber: 	<p><i>“Eu fiz um resumo literário manual para poder criar um canal e passar minhas resenhas porque eu quero ser um booktuber. E eu passei tudo manual para colocar online e divulgar e compartilhar com outras pessoas, através da internet”.</i></p> <p>Disse Marcelo, mostrando o caderno com sua resenha literária.</p>
<ul style="list-style-type: none"> • Marcelo revisou tudo que estudamos para os colegas e foi o <i>booktuber</i> da vez. 	

<ul style="list-style-type: none"> • <i>Opções de livros no quadro. Escolheram A bolsa Amarela, da autora Lygia Bojunga, e fizeram o compartilhamento literário.</i> 	<p>As sugestões dos livros foram de acordo com os livros citados pelos alunos na roda de conversa. Procurei opções de exemplares que havia na biblioteca, alguns livros disponibilizei em PDF para a leitura: 1- coletânea poética; 2 -Millôr Fernandes; 3 – Alice Ruiz; 4- Paulo Leminski; 5-Vinícius de Moraes; 6 – Carlos Drummond de Andrade; coleção Lygia Bojunga: 7 – Nós Três; 8- A Bolsa Amarela; 9- Os Colegas ; 10- Meu Amigo Pintor).</p>
---	---

4º momento – 50 min	Falas dos alunos transcritas
<ul style="list-style-type: none"> • Assistimos a uma entrevista sobre a autora do livro escolhido pela turma; 	
<ul style="list-style-type: none"> • Estrutura e aspectos do gênero entrevista; 	
<ul style="list-style-type: none"> • Produção das entrevistas que serviriam de base para a gravação da videorresenha final. 	<p>- “Uma garota querendo ser um garoto, isso é uma coisa bem atual, não achas?” falou Paulo sobre a personagem principal do livro que queria ser escritora.</p>

5º momento – 50 min	Observações da professora/pesquisadora
<p><i>Fiz a contextualização do livro A bolsa Amarela;</i></p>	<p><i>Ao meu ver, como professora-pesquisadora, essa sequência didática teve resultados melhores que os planejados inicialmente, comprovados pela satisfação dos alunos em participarem de algo novo, de aulas diferentes, mais divertidas e interativas e pela minha satisfação como professora em vê-los mais interessados e curiosos.</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Produção de mapa sequencial com os principais acontecimentos da história; 	
<ul style="list-style-type: none"> • Diário dos personagens detalhando seus pensamentos, emoções e mudanças ao longo da trama; 	
<ul style="list-style-type: none"> • As entrevistas sobre o livro foram realizadas coletivamente; 	<p><i>Com a aplicação da SD pude ver na prática a teoria sendo executada e também mudar meu olhar de apenas professora,</i></p>

- Em seguida cada grupo de aluno com suas entrevistas em mãos gravaram suas videorresenhas e publicaram no canal da turma no *Youtube*.

que transfere conhecimento, para professora-pesquisadora, que ver no seu aluno um objeto de pesquisa e de aprendizado.

7 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo trago os resultados e análise dos dados obtidos através da sequência didática, instrumento de coleta de dados, além dos outros métodos de coletas como o diário de bordo, fotos, vídeos, entrevista e questionário aplicado aos alunos que serviram para registrar minhas impressões como pesquisadora.

Os conceitos utilizados aqui estão de acordo com o referencial teórico do capítulo de fundamentação teórica e de acordo com os autores citados. Ao longo da análise faço algumas reflexões registradas no diário de bordo.

O contexto da escola pública no Brasil não é fácil de se lidar, muitos são os problemas que professores e alunos tentam driblar diariamente para se conseguir algum resultado satisfatório de aprendizagem que alcance a maioria. São problemas estruturais, falta de material didático adequado, falta de professores qualificados, e outros sujeitos que compõem a comunidade escolar. Uma escola não existe por si só, ela é composta de sujeitos com suas histórias de vida e seus anseios variados. Esses sujeitos devem estar inseridos e se tornarem donos de seus próprios destinos. Para que esses anseios se concretizem na escola, ela deve respeitar a igualdade dos direitos e valorizar o aprendizado.

O meu anseio como professora, era melhorar minha prática em sala de aula e meu desejo era de ver mudanças significativas nos meus alunos. As aulas monótonas e sem participação dos alunos me incomodavam profundamente. Eu tinha que rever minha prática e melhorá-la de alguma forma. A mudança só acontece quando o sujeito começa a se incomodar com a realidade, de acordo com Rubem Alves:

Toda experiência de aprendizagem se inicia com uma experiência afetiva. É a fome que põe em funcionamento o aparelho pensador. Fome é afeto. O pensamento nasce do afeto, nasce da fome. Não confundir afeto com beijos e carinhos. Afeto, do latim “*affetare*”, quer dizer “ir atrás”. É o movimento da alma na busca do objeto de sua fome. É o Eros platônico, a fome que faz a alma voar em busca do fruto sonhado. (Alves, 2002)

Foi pensando nisso que ingressei no Mestrado Profissional-PROFLETRAS em busca de melhorar minha prática em sala de aula e de ver resultados significativos de aprendizagem com meus alunos. A escolha da turma se deu, por ser uma das menos motivadas. Mostrando sempre desinteresse pela leitura, mas interesse em tudo que fosse relacionado ao mundo virtual, como é típico dos adolescentes. Então, de início pensei, como professora, em algum projeto que devesse ter alguma produção online, que pudesse chamar a atenção dos alunos na internet. Surgiu esse trabalho de pesquisa envolvendo leitura literária na internet em canais de resenhas de livros, *booktube*.

Um dia antes de dar início ao projeto fiz uma roda de conversa sobre leitura: *Quem gosta de ler? Quem aqui tem o hábito de ler? Qual o livro que você já leu e se lembra? Vocês preferem ler o livro mesmo ou na internet? Já leram alguma história na internet?* Deixei os alunos falarem à vontade, enquanto registrava no meu diário de bordo:

“Eu não gosto de lê! só leio pra mim mesmo”. Disse Felipe⁹.

“Eu só gosto de lê histórias engraçadas, tipo de humor ou de piada. Que tenha coisa engraçada, que me faça rir... hahahha (risos)” Respondeu Mike.

“Ah, eu gosto mas não muito, leio só no intagram as coisas que postam. Mas se for coisa grande eu passo direto kkkk (risos)” respondeu André

“Não, gosto não de lê, nem me peça pra ler em voz alta, professora.” Falou Bianca.

À maioria não gostava de ler, como esperado, alguns poucos que diserram que gostavam, não lembravam do título do livro lido ou do título da história. Todos disseram que conseguiam ler algo nas redes sociais e na internet, sobre variados assuntos: futebol, cantores, fofocas, novelas, entre outros.

A sala possui 35 alunos na caderneta, porém apenas 24 frequentam as aulas e foram meus colaboradores nesta pesquisa. Desses 24 alunos, 14 são meninas e 10 são meninos e estão na faixa etária entre 12 e 13 anos de idade, cursando o 7º ano do ensino fundamental. São alunos de baixa renda, alguns não moram com os pais, vivem com avós e outros com apenas um dos pais. O incentivo de ler para a maioria vem apenas da escola, pois não possui livros paradidáticos ou outro meio de leitura em casa.

A SD proposta nesse estudo visa a incentivar o gosto pela leitura literária através da análise/compreensão de algumas obras literárias e o compartilhamento das análises dos alunos em um canal do Youtube. Esta proposta de sequência didática foi aplicada durante 3 semanas

⁹ Trechos transcritos das falas dos alunos gravados em áudio e vídeo. Os nomes adotados são fictícios para preservar a identidade dos alunos menores de idade.

de aulas, sendo 2 aulas por semana na turma selecionada. Esta SD foi organizada em 5 momentos, sendo cada momento correspondente a uma aula de 50 minutos. Totalizando 5 aulas.

A pesquisa foi iniciada buscando respeitar a hierarquia da escola, sendo de conhecimento dos gestores e dos alunos que estariam participando de um projeto de pesquisa a partir das atividades propostas. De início, foram apresentados aos alunos os objetivos e as atividades que seriam desenvolvidas a partir da sequência didática inicial. Nenhum dos alunos se opôs a não participação das atividades. Porém, após a explicação do projeto, 7 meninos acharam chato e disseram que não iriam participar.

Em seguida, levei os alunos para o laboratório de informática, previamente agendado com a coordenação para dá início ao projeto de pesquisa. Lá apresentei aos alunos o que é o compartilhamento de leituras e de análises de livros, as resenhas literárias; o que são canais de compartilhamento de opiniões, divulgação e análise de obras literárias, os *booktubers*¹⁰, e exemplos de alguns desses canais de divulgação, que são chamados de *Booktube*. Mostrei aos alunos como buscar esses canais no *Youtube* através da pesquisa no *Google*, pelo título do livro ou pelo nome do *booktuber*. Como não há computadores suficientes para todos os alunos, eles ficaram distribuídos em duplas e trios. Por fim, solicitei uma tarefa para casa: cada aluno deveria localizar um canal, assistir a uma vídeoresenha pelo menos e trazer para a próxima aula para compartilhar com todos; ao final todos os alunos obtiveram os endereços dos canais que cada um trouxe. Esse foi o primeiro momento da aplicação da SD. Nesse primeiro momento, os alunos puderam assistir algumas vídeoresenhas literárias escolhidas previamente por mim, com o objetivo de fazê-los conhecer o gênero textual resenha.

Figura 6 - Primeiro momento da SD



Fonte: Registro da pesquisadora

Figura 7 – Alunos acessando os canais do *Youtube*



Fonte: Registro da pesquisadora

¹⁰ A maioria jovem que apresentam as resenhas literárias, são chamados de *booktuber*. Os canais de divulgação dessas resenhas são chamados *booktube*.

No segundo momento, os alunos foram organizados em círculos e grupos de 4 a 5 alunos para que interagissem e respondessem a um questionário formal sobre os vídeos assistidos no primeiro momento. Pedi para que eles ouvissem e fizessem uma resenha para compartilhar com os grupos. O entusiasmo e euforia com que eles faziam suas trocas literárias era notório. Os alunos puderam participar de uma atividade prática, produzindo suas próprias videorresenhas literárias, foi observado o desenvolvimento das habilidade de expressão oral. Esse momento foi registrado em *vídeo e áudio* com o consentimento dos alunos, para análise posterior e coleta de dados.

Figura 8 - Alunos tendo primeiro contato com os *booktuber*



Fonte: Registro da pesquisadora.

Figura 9 - Alunos com os *notebooks*



Fonte: Registro da pesquisadora.

“Professora, eu quero ser booktuber agora! Posso abrir um canal só pra mim? Eu vou fazer resnhas sobre a Saga Harry Potter. Histórias desse tipo, só assim... acho que vai chamar atenção dos seguidores. (risos)” disse Rayane, aluna bem extrovertida e falante.

Minhas impressões como professora/pesquisadora da turma foram de felicidade e apreensão. Felicidade de ver a empolgação dos alunos com uma atividade nova e diferente, usando recursos que eles gostam de usar no dia a dia, como a internet, celular, computador. E apreensão por ser uma atividade nova também para mim e sem saber se o resultado seria realmente satisfatório para a pesquisa. No entanto, até o aluno mais ocioso quis participar.

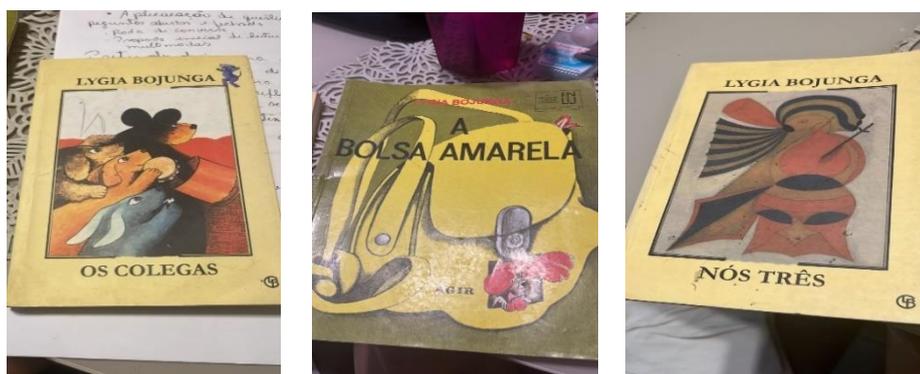
No terceiro momento, tentei organizar novamente os círculos, mas eles preferiram fazer um único círculo e colocar um estudante no meio para representar um *booktuber*:

“Eu fiz um resumo literário manual para poder criar um canal e passar minhas resenhas porque eu quero ser um *booktuber*. E eu passei tudo manual para colocar online e divulgar e compartilhar com outras pessoas, através da internet”. Disse Marcelo, mostrando o caderno com sua resenha literária.

Eu achei interessante, foi isso que fizemos. Marcelo revisou tudo que estudamos para os colegas e foi o *booktuber* da vez. Para dá continuação e direcionamento, eu coloquei opções de livros no quadro¹¹ eles escolheram o livro *A bolsa Amarela*, da autora Lygia Bojunga, e fizeram o compartilhamento literário. Esse livro foi escolhido por eles por apresentar uma personagem que também queria ser escritora, além que falar sobre vários temas da adolescência. Percebi um envolvimento maior dos meninos, quatro meninas não quiseram participar com vergonha. Mas fizeram a troca literária oralmente, uma explicando para a outra sobre o livro. Nesse momento, percebi que eles estavam mais soltos, como que já sabiam. Eu expliquei sobre os livros on-line que eles podiam acessar através das videoresenhas e eles demonstraram muito interesse, pois as videorresenhas utilizam recursos audiovisuais que chamam e predem a atenção do aluno.

É importante ressaltar que nenhum dos alunos tem computador em casa, e que a maior parte das atividades só foi concluída na escola porque tem acesso à internet. Outro fato é que nesse momento alguns alunos trouxeram o celular dos pais para poderem apresentar como se fossem *booktuber*. E já queriam gravar suas vídeoresenhas. A tarefa não foi finalizada por causa do tempo.

Figura 10 - Coleção Lygia Bojunga



Fonte: Registro da pesquisadora.

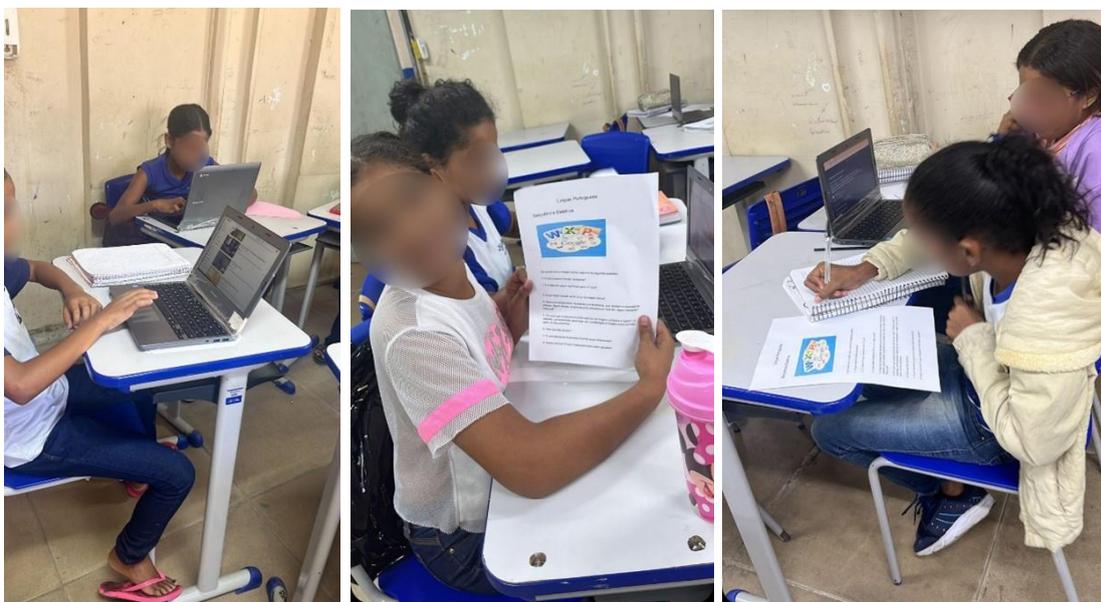
¹¹ As sugestões dos livros foram de acordo com os livros citados pelos alunos na roda de conversa. Procurei opções de exemplares que havia na biblioteca, alguns livros disponibilizei em PDF para a leitura: 1- coletânea poética; 2 -Millôr Fernandes; 3 – Alice Ruiz; 4- Paulo Leminski; 5-Vinícius de Moraes; 6 – Carlos Drummond de Andrade; coleção Lygia Bojunga: 7 – Nós Três; 8- A Bolsa Amarela; 9- Os Colegas ; 10- Meu Amigo Pintor).

No quarto momento pudemos retomar e concluir a tarefa que ficou em aberto do momento anterior. Assistimos um vídeo sobre a autora do livro escolhido pela turma, era uma entrevista em que Lygia Bojunga falava sobre suas obras e o processo de escrita. A partir dessa entrevista trabalhei a estrutura e os aspectos do gênero, com o objetivo de que eles fizessem suas próprias entrevistas, escolhendo uma personagem do livro para ser entrevistada. Nesse momento eles começaram a produzir suas entrevistas que serviriam de base para a gravação da videorresenha final. Um aluno do grupo fazia o papel de personagem e os demais entrevistavam ele.

- *“Uma garota querendo ser um garoto, isso é uma coisa bem atuaal, não achas?”*
falou Paulo sobre a personagem principal do livro que queria ser escritora.

À medida que os alunos iam interagindo mais ideias iam surgindo sobre as personagens do livro, conseguiram enriquecer mais ainda o enredo com suas suposições inventivas. Como professora, fiquei bastante entusiasmada em ver meus alunos produzirem seus próprios textos com domínio do gênero. Eles estavam contentes em fazer algo diferente na aula e em interagir, cada um queria se sair melhor que outro. Como pesquisadora, pude ver a teoria sendo aplicada na prática e colher os resultados com satisfação.

Figura 11 - Alunas respondendo questionário

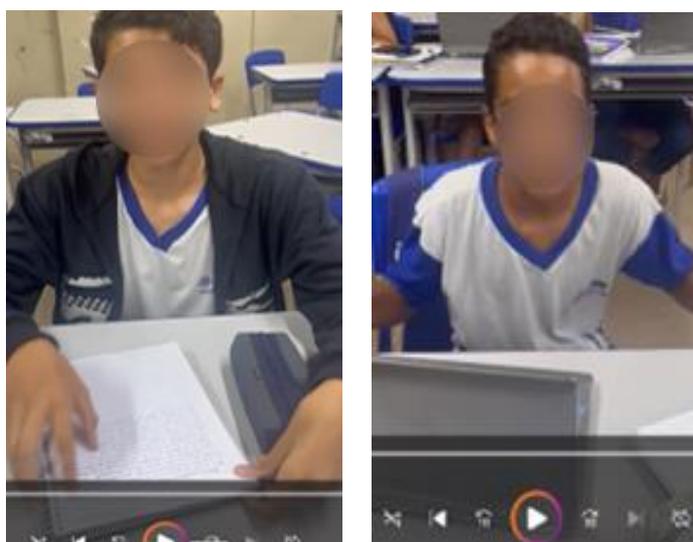


Fonte: Registro da pesquisadora.

E no quinto momento, partindo do princípio de que a SD foi sendo reelaborada durante todo o processo de prática, conforme as respostas dos alunos e o andamento das aulas, visto que uma SD pré-elaborada é engessada, apenas um protótipo do que virá pela frente. Nesse último momento, começamos pelo livro *A bolsa Amarela*, da autora Lygia Boujunga, escolhido pelos alunos para trabalhar o gênero resenha e entrevista como já dito. Comecei com a contextualização do livro e fizemos debates e discussões a cerca do tema trabalhado no livro: esse livro fala sobre uma menina que quer ser escritora, traz vários temas sobre descobertas da adolescência. Analisamos os aspectos positivos e negativos da obra. A partir daí os alunos fariam o compartilhamento para promover uma troca de ideias e reflexões. Em seguida, Solicitei um mapa sequencial com os principais acontecimentos da história, destacando a ordem cronológica. Discutimos os temas centrais da história incentivando uma compreensão mais profunda da história. Diário dos personagens detalhando seus pensamentos, emoções e mudanças ao longo da trama. As entrevistas sobre o livro foram realizadas coletivamente, e registrados no diário de bordo da pesquisadora. Em seguida cada grupo de aluno com suas entrevistas em mãos, escolheram um dos membros e gravaram suas videorresenhas literárias sobre o livro *a Bolsa Amarela*.

Cada videorresenha saiu de uma forma diferente porque as entrevistas foram diversas, no total 5 grupos de alunos fizeram seus vídeos com no máximo 10 min, apresentando o enredo do livro e as personagens. Quem sabia mexer mais com computador, colocou mais recursos de imagens, som, animação. Todos se apresentaram entusiasmados e contentes com seus resultados.

12 – Imagem de videorresenhas feitas pelos alunos



Fonte: Registro da pesquisadora.

Um plano de aula ao ser executado sofre muitas modificações, devido as adaptações do meio. É importante ressaltar que nessa sequência didática houve várias adaptações e mudanças durante sua execução para se chegar a esse produto final. Devido as reações dos alunos, às vezes, questões de logística da escola, disponibilidade do laboratório de informática ou falta de material, a sequência didática vai sendo reorganizada para se chegar a esse resultado. Como ressalta Dolz e Schneuwly (2004), quando dizem que deve-se

[...] levar em conta a heterogeneidade dos aprendizes representa, atualmente, um desafio social decisivo. As diferenças entre os alunos, longe de serem uma fatalidade, podem constituir um enriquecimento para a aula desde que se faça um esforço de adaptação. Desse ponto de vista, as sequências didáticas apresentam uma grande variedade de atividades que devem ser selecionadas, adaptadas e transformadas em função das necessidades dos alunos [...] (p.110-111).

De acordo com os autores, foi realmente o que aconteceu com a SD inicial e a SD final. Ao meu ver, como professora-pesquisadora, essa sequência didática teve resultados melhores que os planejados inicialmente, comprovados pela satisfação dos alunos em participarem de algo novo, de aulas diferentes, mais divertidas e interativas e pela minha satisfação como professora em vê-los mais interessados e curiosos. Com a aplicação da SD pude ver na prática a teoria sendo executada e também mudar meu olhar de apenas professora, que transfere conhecimento, para professora-pesquisadora, que ver no seu aluno um objeto de pesquisa e de aprendizado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação, fruto de um trabalho de pesquisa, buscou verificar por meio das produções dos alunos de 7º ano como, de acordo com os objetivos, os canais de resenha e divulgação de livros do *YouTube*, os chamados *Booktubers*, podem contribuir para o gosto e desenvolvimento da leitura e do ensino da Língua Portuguesa através de textos multimodais, utilizando a internet como instrumento de aprendizagem na escola.

Como discutido e mostrado nessa pesquisa, podemos perceber que a escola básica em questão apresenta um cenário de transformação e constantes avanços tecnológicos, por possuir equipamentos e dar abertura para que o professor busque novas formas de metodologia, no entanto, essa não é a realidade da maioria das escolas públicas de ensino básico no Brasil, como citada na pesquisa *Retratos da Leitura 2020*, do Instituto Pró Livro. A escola ainda tem estado alheia a esse mundo de tecnologia e de múltiplas linguagens da tecnologia que a internet proporciona.

Esta pesquisa me fez ver, como professora, que posso utilizar do conhecimento prévio do aluno para tornar minha aula mais atrativa e inserir novos instrumentos de aprendizagem, como a internet. Partindo do interesse do aluno posso pensar em modificar ou adequar minha metodologia para trazer esse aluno novamente para a sala de aula, para despertar nele interesse. Produzir fome, como dito por Rubem Alves. Não é uma tarefa fácil modificar uma prática, reproduzir aquilo que, nós professores estamos acostumados ou apenas seguir uma lista de conteúdos ou seguir a ordem do livro didático, deixando com que o desânimo e apatia tomem conta de professora e alunos.

Quando ingressei no mestrado profissional, pude perceber o quanto eu tinha aulas apáticas e o quanto eu não tinha forças para melhorar minha prática pedagógica. A sala de aula muitas vezes é reflexo do professor. Essa turma de 7º ano era totalmente apática e indiferente as aulas de Língua Portuguesa, quando fazia aula de leitura, quase nenhum aluno se dispunha a querer ler. Bastou introduzir um instrumento que eles gostam de manusear, celular e computador, para despertar o interesse desses alunos e alunas para descobrir suas habilidades escondidas.

Segundo os PCNs o ensino da Língua Portuguesa deve utilizar uma gama de recursos didáticos, isto é, a diversidade e a multiplicidade de linguagens. Sendo assim, esse documento oficial orienta para perspectiva de diversidade de recursos didáticos, sugerindo o uso de múltiplas linguagens nos processos de ensino e de aprendizagem. Isso representa a inserção de estratégias de ensino inovadoras para a construção social do conhecimento da criança. Cabe ao

professor e demais agentes escolares a observância dessas orientações para a melhoria da sua prática pedagógica.

É sabido que muitas vezes esbarramos na falta de recurso e de incentivo dentro da escola, porém a prática docente de cada um deve ir além desses impecilhos pedagógicos. Se assim não fora, eu como professora de ensino básico, não teria vivido tamanha experiência de ver meus alunos colocando em prática uma atividade enriquecedora para ambos. Pois houve muitas mudanças e adaptações desde a SD inicialmente planejada e a SD que foi realmente aplicada. Não somente pela forma como os alunos iam correspondendo mas algumas vezes por causa da logística da escola, falta de material, computador que quebrou, o som que não ligou, o horário que não deu para terminar a atividade e muitos outros percalços.

No entanto, o resultado foi excelente, o brilho no olho e o interesse por fazer uma atividade atrativa, dinâmica e que trouxe esperança para os alunos (todos queriam ser *booktubers*) me traz alento e desejo de sempre melhorar minha prática pedagógica em sala de aula. A teoria melhorou minha prática, cumpriu seu dever. Nas palavras de Freire (2006):

[...] A teoria é importante na formação docente, uma vez que, além de seu poder formativo, dota os sujeitos de pontos de vistas variados para uma ação contextualizada. O papel da teoria é oferecer aos professores perspectivas de análise para compreenderem os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais de si mesmos como profissionais, nos quais se dá sua formação docente, para neles intervir, transformando-os.” (p.24 -26, 2006).

Sendo assim, que minha experiência mostrada aqui nesta pesquisa, sirva para despertar em mais professores a reflexão sobre sua prática docente futuramente. E que traga reais mudanças para a educação, para o aluno, como sujeito e para o professor como co-autor dessa história.

REFERÊNCIAS

ALBRECHT, Katharina. **Positioning Booktube in the publishing world**: An examination of online book reviewing through the field theory. Master Thesis Book & Digital Media Studies Leiden University Date of Completion: 19 Jul. 2017.

ALVES, Rubem. A arte de produzir fome. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 29 out. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u146.shtml>. Acesso em: 18 set. 2023.

ARAÚJO, Júlio; Andrade, F. R. da S.; Lima, J. G. De. **Videorresenhas Do Booktube**: Uma Análise da Organização Sociorretórica desse Gênero. 2021. Disponível em: Videorresenhas do Booktube | Trabalhos em Linguística Aplicada (unicamp.br). Acesso em: 15 de nov. de 2023.

ARAÚJO, A. D. **Lexical signaling, a study of unspecific nouns in book reviews Florianópolis**. UFSC. (1996) Tese de Doutorado)

ARAÚJO, J.; SOUSA, M. M. N.; CAVALCANTI, J. M. Comunidade discursiva e redes sociais: os resenhadores do Skoob. **Revista Intercâmbio**, v. 45, n. 1, p. 28-51, 2020.

ARAÚJO, J. **Constelação de gêneros**: a construção de um conceito. São Paulo: Parábola, 2021.

Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/132>. Acesso em: 12 set. 2023.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de. Articulação entre linguagem, discurso e cultura na Pedagogia dos Multiletramentos: como os diferentes mundos da vida se fazem presentes em práticas escolares situadas ao sul do equador. **Revista Linguagem em Foco**, v. 13, n. 2, p. 75-85, Forta-leza, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5565>. Acesso em: 23 nov. 2022.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 468.

BAKHTIN, M. ([1979] 1997). Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BALTAR, Marcos. **Competência discursiva e gêneros textuais**: uma experiência com o jornal de sala de aula. Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

BRASIL. **Base nacional comum curricular (BNCC)**. Educação é a base. Brasília: 2017. Disponível em: <https://www.alex.pro.br/BNCC%20L%C3%ADngua%20Portuguesa.pdf>. Acesso em: 06 set 2022.

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BORDINI, Maria da Glória. **Poesia Infantil**. São Paulo: Ática, 1986.

CEREJA, W. **Uma proposta dialógica de ensino de Literatura no Ensino Médio**. 2004. 330. Tese de doutoramento. Linguística Aplicada. PUC/SP, SP. Disponível em Microsoft Word -Tese - texto corrido.doc (diaadia.pr.gov.br) Acesso em 10 de agosto de 2023.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo, Contexto, 2006.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Beranard. **Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In: SCHNEUWLY, Bernard;

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michele; SCHNEUWLY, Beranard. **Gêneros orais e escritos na escola**. [Tradução e organização de Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro]. Campinas-SP: Mercado das letras, 2004.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2006, p. 19-20.

GERALDI, J. **A aula como acontecimento**. São Carlos: Pedro & João, 2010. 208p.

GOMES, A. M. C.; OLVEIRA, C. D. M.; REIS, M. T. F. J. **Os Impactos da Pandemia no Âmbito Escolar, Familiar, Social e na Saúde Mental**. Belo Horizonte, 2021, p. 1-28.

GOMES, S.S. Brincando e aprendendo com tecnologias digitais na escola: construindo sequência didática com o tablete na educação infantil. In: **Anais do Congresso Nacional Universidade, EaD e Software Livre**. Conferência de Encerramento, v. 1, n. 6, 2015. Disponível em: . Acesso em: 29 jun. 2023.

GRUPO NOVA LONDRES. **Uma Pedagogia dos Multiletramentos: Projetando Futuros Sociais**. Tradução de Deise Nancy de Moraes, Gabriela Claudino Grande, Rafaela Saleme Bolsarin Biazotti, Roziane Keila Grando. Revista Linguagem em Foco, v.13, n.2, 2001, p.101-145. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/5578/4503>. Acesso em: 05 de setembro de 2022.

KLEIMAN, Ângela. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2013.

LEITE, Lígia Chiappini de Moraes. **Gramática e Literatura: desencontros e esperanças**. In GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula, 3.ed. Rio de Janeiro: Ática, 2002.

LIMA, J. G. *et al*. Reelaboração do gênero resenha no YouTube. In: LIMA, J. A. de. *et al*. **Atas do IV Encontro Internacional de Jovens Investigadores – JOIN 2018**. Açores: Universidade dos Açores, 2018, p. 520-529.

MEY, Jacob L. As vozes da sociedade: letramento, consciência e poder. **Delta documentação de Estudos em Linguística teórica e Aplicada**. 14. Puc-SP, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-44501998000200003> acesso em 20 de setembro de 2023.

MOTTA-ROTH, D. E HENDGES, G. R. Uma análise de gênero de resumos acadêmicos (abstracts) em economia linguística e química. **Revista do Centro de Letras e Artes**, Santa Maria : UFSM, 18(1-2): 53-90, jan./dez. 1995.

ROJO, Roxane. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

- ROJO, Roxane. (Org.). **Multiletramentos e as TICs: escol@ conect@d@**. São Paulo: Parábola Editorial. 2013.
- SANTOS, Zaira Bomfante dos. Da Semiótica Social à Multimodalidade: A Orquestração de Significados. **Casa: Cadernos de Semiótica Aplicada**, Minas Gerais, v.12, n. 2, p.295-324, jul. 2014. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2011/10/Santos.pdf> . Acesso em 21 dez. 2023.
- SILVA, Verônica Vitória de Oliveira. **Booktube [manuscrito]: a resenha literária como estratégia para o letramento literário**. 2019. Dissertação. Universidade federal de Minas Gerais – UFMG-Faculdade de Letras.
- SOUSA, S. C. T. de. **Gênero textual e comunidade jornalística**. São Paulo: Blucer Acadêmico, 2012.
- SWALES, J. M. Research Into the Structure of Introductions to Journal Articles and its Application to the Teaching of Academic Writing. In: WILLIAMS, R.; SWALES, J; KIRKMAN, J. **Common Ground: shared interests in ESP and communication studies**. ELT Documents 117, 1984.
- SWALES, John (1990). *Genre analysis: english in academic and research settings*. Cambridge University Press. (2009). “Repensando gêneros: uma nova abordagem ao conceito de comunidade discursiva”. In: BIASI-RODRIGUES, Bernardete; ARAÚJO, Júlio César; SOUSA, Socorro Cláudia Tavares de (Orgs.) **Gêneros e sequências textuais**. Belo Horizonte: Autêntica.
- STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.
- TAYRINE, Jéssica. **Multiletramentos e Ensino**. Disponível em: <https://mvceditora.com.br/2020/08/21/multiletramentos-e-ensino/>. Acesso em: 02 de abril de 2022.

ANEXOS



SEQUÊNCIA DIDÁTICA

GÊNERO ENTREVISTA E VIDEORRESENHA

LOCAL DA PESQUISA

Escola Municipal de educação
básica Arthur Ramos

TURMA DO 7º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

matutino, contendo alunos 24
frequentes.

Instrumentos de pesquisa

- Diário de bordo
- Entrevista
- videorresenhas
- registros audiovisuais

1º MOMENTO – 50 MIN	FALAS DOS ALUNOS TRANSCRITAS	diário de bordo da professora/pesquisadora
<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação das videorresenhas literárias; • tarefa para casa: localizar um canal; • assistir a uma vídeorresenha pelo menos e trazer para a próxima aula para compartilhar com todos. 	<p><i>“Eu não gosto de ler! só leio pra mim mesmo”.</i> Disse Felipe.</p> <p><i>“Eu só gosto de ler histórias engraçadas, tipo de humor ou de piada. Que tenha coisa engraçada, que me faça rir... hahahaha (risos)”</i> Respondeu Mike</p>	
2º momento – 50 min	Falas dos alunos transcritas	diário de bordo da professora/pesquisadora
<ul style="list-style-type: none"> •Questionário em grupo sobre as videorresenhas assistidas; •Produção de uma resenha para compartilhar com os grupos; 	<p><i>“Professora, eu quero ser booktuber agora! Posso abrir um canal só pra mim? Eu vou fazer resnhas sobre a Saga Harry Potter. Histórias desse tipo, só assim... acho que vai chamar atenção dos seguidores. (risos)”</i> disse Rayane, aluna bem extrovertida e falante</p>	
3º momento – 50 min	Falas dos alunos transcritas	diário de bordo da professora/pesquisadora
<ul style="list-style-type: none"> •Tentei organizar novamente os círculos, mas eles preferiram fazer um único círculo e colocar um estudante no meio para representar um booktuber: •Marcelo revisou tudo que estudamos para os colegas e foi o booktuber da vez. 	<p><i>“Eu fiz um resumo literário manual para poder criar um canal e passar minhas resenhas porque eu quero ser um booktuber. E eu passei tudo manual para colocar online e divulgar e compartilhar com</i></p>	<p><i>As sugestões dos livros foram de acordo com os livros citados pelos alunos na roda de conversa. Procurei opções de exemplares que havia na biblioteca, alguns livros</i></p>

<ul style="list-style-type: none"> • <i>Opções de livros no quadro. Escolheram A bolsa Amarela, da autora Lygia Bojunga, e fizeram o compartilhamento literário</i> 	<p><i>outras pessoas, através da internet”.</i></p> <p><i>Disse Marcelo, mostrando o caderno com sua resenha literária.</i></p>	<p><i>disponibilizei em PDF para a leitura:</i></p> <p><i>1- coletânea poética; 2 - Millôr Fernandes; 3 - Alice Ruiz; 4- Paulo Leminski; 5-Vinícius de Moraes; 6 - Carlos Drummond de Andrade; coleção Lygia Bojunga: 7 - Nós Três; 8- A Bolsa Amarela; 9- Os Colegas ;</i></p>
<p>4º momento – 50 min</p>	<p>Falas dos alunos transcritas</p>	<p><i>diário de bordo da professora/pesquisadora</i></p>
<ul style="list-style-type: none"> • Assistimos um vídeo sobre a autora do livro escolhido pela turma, • Trabalhei a estrutura e os aspectos do gênero, com o objetivo de que eles fizessem suas próprias entrevistas, escolhendo uma personagem do livro para ser entrevistada. • Produção das entrevistas que serviriam de base para a gravação da videorresenha final. Um aluno do grupo fazia o papel de personagem e os demais entrevistavam ele. 	<p><i>“Uma garota querendo ser um garoto, isso é uma coisa bem atual, não achas?” falou Paulo sobre a personagem principal do livro que queria ser escritora.</i></p>	
<p>5º momento – 50 min</p>	<p>Falas dos alunos transcrita</p>	<p>Observações da professora/pesquisadora</p>
<p>Fiz a contextualização do livro A bolsa Amarela;</p> <ul style="list-style-type: none"> • Produção de mapa sequencial com os principais acontecimentos da história, 		<p><i>Ao meu ver, como professora-pesquisadora, essa sequência didática teve resultados melhores que os planejados inicialmente, comprovados pela</i></p>

destacando a ordem cronológica;

•Diário dos personagens detalhando seus pensamentos, emoções e mudanças ao longo da trama;

•As entrevistas sobre o livro foram realizadas coletivamente, e registrados no diário de bordo da pesquisadora;

•Diário dos personagens detalhando seus pensamentos, emoções e mudanças ao longo da trama;

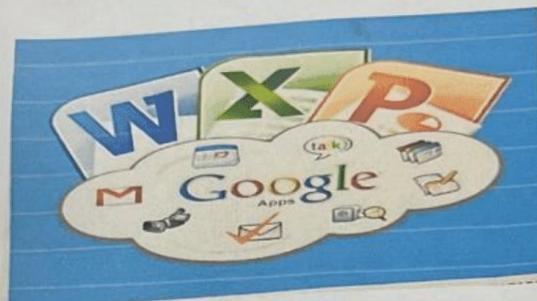
•Em seguida cada grupo de aluno com suas entrevistas em mãos, escolheram um dos membros e gravaram suas videorresenhas literárias sobre o livro a Bolsa Amarela.

satisfação dos alunos em participarem de algo novo, de aulas diferentes, mais divertidas e interativas e pela minha satisfação como professora em vê-los mais interessados e curiosos.

Com a aplicação da SD pude ver na prática a teoria sendo executada e também mudar meu olhar de apenas professora, que transfere conhecimento, para professora-pesquisadora, que ver no seu aluno um objeto de pesquisa e de aprendizado.

Estudo direcionado

Sequência Didática



De acordo com a imagem acima, responda às seguintes questões:

- 1- O que a palavra Google representa?
- 2- E a sigla tem algum significado para vc? qual?
- 3- A que fazem menção as W, X e p na imagem acima?
- 4- Cada uma dessas letras representa uma ferramenta, que também é chamada de software. Alguns desses programas já foi utilizados por você em algum momento? Para quê?
- 5- Em qual lugar podemos encontrar este tipo de imagem, símbolos e siglas? (A resposta, primeiramente, deve levar em consideração a imagem como um todo, após um dos símbolos).
- 6- Para que eles servem?
- 7- O que representa atualmente dominar essas ferramentas?
- 8- Você a domina? O que é necessário para saber utilizá-las?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAL EM LETRAS -PROFLETRAS



PROJETO DE PESQUISA
PESQUISADORA: Verinalda Maria de Lima Silva
ORIENTADOR: PROF^o DR^o Luiz Fernando Gomes

QUESTIONÁRIO – EXPERIÊNCIA DE LEITURA

ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO BÁSICA ARTHUR RAMOS

QUAL A SUA IDADE? ____ANOS.

Assinale com um “x” e/ou escreva as respostas para as questões abaixo:

1. *Você gosta de ler? Por quê?*

.....
.....

2. *Com que frequência você ler?*

.....
.....

3. *Quem te incentiva a ler?*

.....
.....

4. *Há livros em sua casa?*

.....
.....

5. *Qual assunto você mais gosta de ler? Por quê?*

Aventura () atualidades () esportes () aventura () outros ()

.....
.....



6. *Quais formas de leitura você costuma fazer, caso você seja leitor/a? Por quê?*

Pelo celular () Livros impressos () revistas e jornais ()
o que você ver na rua () internet () outros ()

Características da entrevista

- Textos informativos e/ou opinativos
- Presença do entrevistador e do entrevistado
- Linguagem dialógica e oral
- Marca do discurso direto e da subjetividade
- Mescla da linguagem formal e informal
- No texto da entrevista, as palavras ditas pelo entrevistado e pelo entrevistador são transcritas de maneira fidedigna e, portanto, pode haver muitas marcas de oralidade, bem como observações (geralmente entre parênteses), que descrevem as ações de ambos, por exemplo: (risos).
- No entanto, é notório um tipo de formalismo nas entrevistas, exposto pela linguagem utilizada entre ambos, com apresentação de um discurso coerente.

Estrutura da entrevista

Para produzir uma entrevista esteja atento à sua estrutura:

1 - Escolha o tema da entrevista

A partir do livro A Bolsa Amarela, escolha uma das personagens do livro e produza uma entrevista em grupo.

2- Dê um título para a entrevista

Dê um título para sua entrevista de acordo com o tema escolhido para ser abordado.

3-Faça uma introdução para a entrevista

Se necessário, faça uma introdução (que pode ser curta), mas que informe o leitor do que será discutido.

Nesse caso, apresente o assunto, bem como o perfil do entrevistado e sua experiência profissional.

4-Revise o texto da entrevista

A parte final é tão importante quanto a inicial. Afinal, não adianta ter as ideias e apresentá-las de maneira informal, ou seja, um texto que não abrigue coerência e coesão.

Assista a entrevista com a autora Lygia Bojunga para se basear.

[Lygia Bojunga - Entrelinhas \(11/03/2012\) \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)



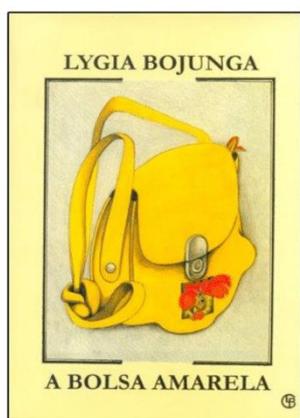
Resenha e videorresenha literária

- **Resenha literária:** tem como objetivo divulgar uma obra a partir de elementos que permitam ao leitor conhecer os principais aspectos do objeto resenhado. Nela você deve seguir as etapas de elaboração da resenha crítica, lembrando-se de que a resenha literária é estritamente usada para divulgar uma obra literária.

Estrutura:

1. **Apresentação do tema:** Especifique para o leitor qual é o tema que perpassa todos os textos que serão resenhados, bem como os motivos que o levaram a escolher o assunto;
2. **Resuma os textos:** Um parágrafo para falar sobre cada texto é o suficiente. Não se esqueça de citar o autor de cada um deles, assim como seu ponto de vista sobre o texto por ele escrito;
3. **Conclua sua resenha:** Na resenha temática você deve apresentar argumentos e opiniões sobre os textos resenhados. É importante também que você faça uma conclusão sobre o tema abordado;
4. **Explicita as fontes:** Nas referências bibliográficas devem constar as fontes de todos os textos que compuseram a resenha temática;

proposta de produção de videorresenha literária



1ª Etapa:

O livro *A bolsa amarela*, escrito pela premiada autora brasileira Lygia Bojunga é um bom material de leitura para uma proposta de leitura compartilhada pois, além de possuir uma história muito bem construída sobre assuntos de interesses de crianças e jovens, possibilita discussões a respeito das metáforas utilizadas pela autora numa perspectiva interdisciplinar.

A principal característica da escrita de Bojunga é a incorporação de questões sociais contemporâneas importantes como abandono, suicídio, conflitos familiares, assassinato, entre outros. Utilizando uma linguagem própria e demonstrando domínio na elaboração de metáforas, Lygia Bojunga alcança um alto nível literário e uma aproximação maior com os seus leitores.

Tais assuntos poderão ser debatidos pelo grupo ao aparecerem na história.

2ª Etapa: Conhecendo o livro e a proposta

- Em seguida, explique para os alunos o funcionamento de uma leitura compartilhada. Diga que farão a leitura do livro juntos, ora o professor fará a leitura ora os alunos, e que a cada capítulo ou parte importante da história farão algumas discussões a respeito do texto.

3ª Etapa: Possíveis discussões ao longo da leitura

- No livro escolhido para a proposta, A bolsa amarela, pode-se observar a busca da personagem principal Raquel pela preservação da sua identidade, fator que poderá ser discutido com os alunos ao longo da leitura. Além dos embates vividos por ela e sua família, que não “respeita” seus desejos e necessidades.
- Outro possível debate seria em torno da personagem “Guarda-chuva” que não quer ter um cabo longo para não crescer, aqui a autora retrata o conflito de todas as crianças e da personagem principal Raquel, crescer logo e se tornar adulta, por meio de uma metáfora.

4ª Etapa: O que você colocaria na bolsa amarela?

Em grupo, produza uma videoresenha literária com base na entrevista que você fez da personagem.

1. Para saber mais sobre o livro A bolsa amarela acesse o link <http://www.encontrodeleitores.com/dicas-de-leitura-detalhes.php?id=20>
2. Para saber mais sobre quem é Lygia Bojunga acesse o link <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19123/lygia-bojunga>